

Oferta
-0. NOV. 1998

ANO III N.º 140
20
DE JANEIRO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

24 HORAS DE UMA «ESTRELA»

(Vêr na página 13 uma reportagem gráfica sôbre «A Menina da Rádio»)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

LISBOA PITORESCA

MORO entre uma sociedade de recreio, «A Boa-União Recreativa», e um grupo de futebol, «Os Triunfadores Atlético Clube». Suponho ter sido a praga ineficaz de algum inimigo a causa desastrosa de me terem entalado estas cinco desconfortáveis divisões, onde vivo, na balbúrdia inacabável dos «curras», da vitória e da música do «jazz-bands». «A Boa-União Recreativa» é uma colectividade de recreio, como muitas que enameiam a cidade, e que trabalha, perpétuamente, como fábrica de baile. Tem uma filarmónica: «Os Caprichosos do ritmo», um grupo cénico: os «Inveníveis da arte de Talmás» e um rancho alegre de escarções: «A família soma e segue». Levam a semana inteira em festa — e, como sou vizinho, já por duas vezes me pediram dinheiro por umas pretensas rifas dum almofadão.

Um dia destes, o meu vizinho e respeitável mercetiro, a quem devo o invidável favor de só se dnganar em cem gramas num quilo de açúcar, disse-me sem delongas:

— Ó vizinho, que diacho, fique com um bilhete para o benefício! É uma comissão de senhoras que o faz, para ver se consegue comprar um estandarte de seda, que o outro está indecente

— Ora essa, pois sim! — retorqui, amável.

Larguei três escudos — e lembrei-lhe, a propósito, que se não esquecesse do bacalhau de que estava à espera, desde meados de 1940.

Não fiz caso do bilhete. Uma noite, porém, encontrei em cima da mesa um programa. Tinha sido o homenzinho da loja, que delicadamente me mandara pelo marçano, além de um cartucho com cem gramas de bacalhau do rabo. E fiquei perplexo! O grupo dramático da sociedade levava à cena o «Frei Luiz de Souza», na versão antiga. Pasmé! Seria possível? Mas, então, era vizinho, não dum insignificante colectivo onde se suava o «swing» e se desenvolvia a física, mas sim dum escola de amadores, ao serviço da arte. Tirei-me desta minha antipática aversão — e fui, fui, senhores, à «Boa-União Recreativa». Logo à entrada, claro, exigiram-me o bilhete. Não tinha. Mostrei o programa. Um rapaz engrandado, com uma grande água na gravata, disse-me que «aquilo» era um «spó-formas». Não entendi. Murmurei, envergonhado, que julgava que só se dava o programa a quem comprava o bilhete. Não, não senhor. Eles davam programas a todo o mundo. Tudo propaganda. A festa era de arromba. Até já tinha entrado um cenógrafo do Apolo — e dois jornalistas dos «Prados do Ocidente».

— Mas, então — disse — não posso entrar?

Nesta altura distingui, muito atarefado, de lápis atrás da orelha, o homenzinho da tenda que, num corredor de tabiques, gesticulava. Ele veio logo, apressado. Resolveu tudo. Compreendi, então, que era o senhor presidente. Acompanhou-me mesmo ao lugar — e, muito pesaroso, explicou que não podia estar ao pé de mim, porque tinha de ir fazer as iscas para o bufete.

A sala de espectáculo era regular. Tinha em cima uma galeria, de teto baixo, onde as pessoas andavam curvadas. Todos os lugares estavam ocupadíssimos — e, quasi ao meu lado, uma gaiata, toda beuzuntada de «rouges», mastigava torrão de alicante. Dum recanto, junto do palco, meia dúzia de rapazes, de blusas negras e barrêtes vermelhos, começaram a maltratar uns instrumentos, numa cantilena estranha, que ouvi dizer ser um tango. Eram «Os diabólicos da música». A mim, porém, pareceu-me que eles deviam ser os «diabólicos musicais». Um sujeito calvo e gordo, que gemia de asma, sentou-se ao meu lado — e praguejou logo que dali não via bem. Olhei — e, de facto, eu não via nada, a não ser, claro, o pano do palco, um véu de desbotado, que devia ter sido novo com anos atrás. Já eram onze horas — e, no programa, marcava-se o início do espectáculo às nove e meia pretizas. Por fim, as três pancadas de Mollière bateram nos bastidores quatro ou cinco vezes. A luz da ribalta acendeu-se — e um rapaz, que devia ser muito conhecido, porque foi logo aplaudido com meia dúzia de amistosos insultos — maluco, chalado, aldrabão — veio dizer duas palavras. Pediu desculpa de não poderem, como era desejo imenso de todos, representar o «Frei Luiz de Souza», porque à última hora o guarda-roupa tinha falhado. Todos os amadores estavam empenhados em fazer boa-figura no célebre drama de Alexandre Herculano (!?) e podiam gabar-se que nenhuma congénere recreativa fora capaz de levar à cena a grande peça, tão custosa de desempenhar por causa do incêndio. Eles, felizmente, tinham tudo preparado — até estopa para fingir tabaredas. Mas, enfim, para que o benefício não perdesse o brilhantismo, iam representar as peças: «De noite, às escuras!» e «O gato foi às filhas», que, como o «Frei Luiz de Souza», é também muito bom!

Consegui esqueirar-me, acotovelando todas as pessoas. Soube, no outro dia, que a festa estivera animadíssima e acabara às três horas com uma apoteose digna da «Boa-União Recreativa».

É que o vinho e as iscas do bufete excitaram os ânimos e, fraternalmente, houve uns marros à mistura, por via dama garrafa de geropegia que estava a ser leitoadada.

MANUEL MARTINHO

FIM DE FESTA! O LIXO DE LISBOA

Os dias e os meses mais sujos



SEGUNDO as estatísticas oficiais da Câmara Municipal de Lisboa, o dia da semana em que há mais lixo na capital é, indiscutivelmente, a segunda-feira. Por sua vez, a sexta-feira é, com raras excepções, o dia mais privilegiado em limpeza.

Mas as estatísticas do lixo não param aqui. E ficámos a saber, também, que Maio é o mês mais sujo do ano.

Portanto já os lisboetas sabem: Maio, o mês das flores e a segunda-feira, o primeiro dia da semana, mantém a supremacia do lixo. E se nos acostumássemos a ser mais limpos nesse dia e nesse mês?



Quando os estudantes faziam greves!...

Já lá vai esse tempo, já lá vai. Pertence ao passado. Então, os estudantes representavam uma grande força. As capas negras tinham sobre si a fantasia de muitas lendas — lendas de amor e de aventura, lendas de arrojo e de cavalheirismo. Ser estudante — equivalia a ser poeta e revolucionário.

Hoje, não. Os estudantes, salvo raras excepções, perderam todo o pitoresco da tradição.

E até as próprias capas negras foram desaparecendo, aos poucos e poucos. Com elas — morreram as serenatas dolentes, as diábruras académicas, as greves impetuosas.

E ficou apenas a recordação desses tempos. As vezes, folheando velhas revistas e publicações, encontramos restos dessa tradição que já lá vai.

Quando os estudantes faziam greves! E ocorre-nos imediatamente a célebre questão de Coimbra, em princípios de 1907. E salta-nos logo à vista a fotografia histórica que encima este artigo e na qual se vêem três estudantes de então: Campos Lima, Ramada Curto e Carlos Olavo, «leaders» do movimento grevista e condenados a expulsão pelo período de dois anos.

Mas contemos como as coisas se passaram:

Quando José Eugénio Dias Ferreira ficou reprovado, por unanimidade, ao fazer o acto de doutoramento, na Universidade de Coimbra — os estudantes elevaram o seu clamoroso protesto acusando os lentes de injustos e a decisão de indigna.

Dum dia para o outro, a Academia de Coimbra saiu à rua a gritar contra uns mestres já caducos e incompetentes.

A questão generalizou-se. Em breve, patrulhas de soldados guardavam a porta férrea. A cabra emudecera. A Universidade estava deserta...

Frederico Franco, filho do chefe do Governo solidariezava-se com os colegas. E uma comissão de estudantes partiu para Lisboa, a pedir justiça e providência...

Entretanto, tomavam-se medidas rigorosas para impedir e castigar os distúrbios académicos. O rei D. Carlos estava de acordo com as resoluções tomadas por João Franco e escrevia-lhe:

«O que podemos, por certo, é seguir outra norma, se: deixar descair o princípio da autoridade que cada vez devemos conservar bem alto. Dar-lhe-ei, para isso, toda a força de que careças...»

Os ecos do movimento chegavam ao Parlamento. António José de Almeida junta-se ao lado dos protestantes, escrevendo a «Desafronta» e sofrendo dura prisão por causa disso.

Os rapazes chegados a Lisboa, reúnem-se nas salas do Ateneu Comercial. E as adesões vinham de todos os lados. O quintanista Formosinho arrastava quasi toda a Escola Médica consigo. Ramada Curto, segundista de direito, era um dos oradores mais populares. E quando Teófilo Braga surgiu para fazer uma conferência, Campos Lima, envolveu-o na sua capa negra e levou-o para o meio da rapaziada.

Teófilo erguia a voz como que numa profecia: «Os que me ouvem, daqui a dez anos estarão governando o país». No fim da conferência, foi levado aos ombros pelos estudantes, loucos de entusiasmo.

A comissão composta por Verde Alvaro, Arnaldo Pires e Silvério Abranches dirigia-se finalmente ao Chefe do Governo. Mas foram atendidos apenas por Malheiro Reimão que os desiludiu nas suas pretensões. Os estudantes pediam cursos livres, júris presididos por pessoas idóneas, sindicância às conclusões a respeito do acto de José Eugénio e castigo dos professores que o tinham reprovado e libertação dos estudantes presos.

Em resposta, Malheiro Reimão aconselhou-lhes unicamente que voltassem à normalidade dos estudos, respeitando e acatando as decisões dos lentes.

O caso piorava. Numa mensagem dirigida ao presidente da Câmara, clamava-se que a Universidade não era mais do que uma fábrica de cretinos...

A imprensa fazia largo barulho, tornando-se, na sua maioria, árbitro da defesa dos protestantes. Sobre tudo «O Mundo» oferecia as suas colunas aos estudantes revoltados.

Guerra Junqueiro escrevia aos promotores dum comício no Porto, pedindo a reforma da Universidade e afirmando que «Universidade queira dizer análise do Universo».

(Continua na pág. 16)

QUANDO A CIDADE ACORDA...

Há uma janela que se abre, com força. Aparece uma mulher de cabelos desgrenhados. Boceja, faz uma carêta e resmurga coisas que não se percebem. É ela que dá os bons dias à cidade...

O sol vai espreitando. Em Alfama e Alcântara, no Conde Redondo e em Santo Amaro, no Areeiro e na Estrêla — por todos os cantos da cidade, retinem despertadores. Pobres e ricos. Bons e maus.

Pernas saltam fora dos lençóis, peitos enchem-se de ar, olhos fitam os objectos ainda indistintamente.

— «Atão Manel, que rato é isso?..» — «O Luizinho não se demore, são horas de ir para o colégio...» — «Levanta-te, filho, já amanheceu...» — «Ah, que preguiça, não te apetece trabalhar hoje, não?». «...Vamos, toca a andar...»

E a água corre das torneiras, lava as caras e os braços, tira dos olhos os restos de sono, põe o cabelo escorregadio para o pente traçar ondas bonitas...

São sete horas, batidas por todos os relógios da cidade.

Salmos e o ar parece-nos mais puro. Em frente da nossa casa, há uns homens estendidos. São os que trabalham no prédio ao lado, ainda em construção.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Passou-se ultimamente comigo um facto que não posso esconder. Dirigi-me, há dias, à Conservatória de Registo Commercial, a fim de registar uma firma. Pedi as informações necessárias e consegui obtê-las depois de perder uma hora ou mais. Quando lá voltei com os papéis indicados pelo empregado que me atendera, outro empregado disse-me que ainda faltava qualquer coisa. Perdi mais uns dias e levei-lhe o que faltava. Mas, então, o primeiro empregado informou-me que aquilo não podia seguir sem uns outros documentos.

Enfim, passaram muitos dias, de idas e vindas, de horas perdidas, consegui ter tudo em ordem. E sabem o que sucedeu? Apenas isto: o empregado, um senhor de óculos sempre a olhar para o relógio (à espera, decerto, da hora de saída), disse-me que ali não se tratava do assunto. Irritei-me, gritei que fora ele mesmo que me atendera, mas não se moveu. Apenas sabia dizer que estava ali há 16 anos e que nunca se enganava... No meio da nossa discussão, surgiu o outro empregado. Afinal, tudo se esclareceu. O assunto tratava-se ali!

Não haverá maneira de substituir este pessoal incompetente que só sabe olhar o relógio e soprar de aborrecimentos quando vê muitos clientes ao balcão? Não haverá maneira de se perder menos tempo nestas repartições? Talvez haja...

J. M. — Rua S. Lázaro, 130-2.º

...Nos meus tempos de menino e moço, o contratado servia para comprar os bilhetes das pessoas que desistiam à última hora, bilhete que o contratado vendia depois, obtendo um pequeno lucro com essas transacções.

Hoje, o contratado serve... para nós pagarmos as entradas mais ca-

ras. E isto numa época de economia e restrição...

Mas sucede ainda que quando se pretende obter na bilheteira um lugar bom, não há. Esses bilhetes estão todos nas mãos dos contratadores, o que faz suspeitar que haja entendimento entre as empresas e aqueles «simpáticos» empregados!

E se acabassem os contratadores? Não estão de acordo com isto?

CARLOS ALVES — Engenheiro Electrotécnico (I. S. T.).

Há algum direito que pessoas perversas nos enviem cartas urgentes e multadas trazendo unicamente aquelas orações esquisitas que se devem rezar de 9 em 9 dias e mandar a 9 pessoas diferentes? Essas pessoas que nada têm que fazer, decerto, obrigam-nos não só a uma larga sensaboria como ainda ao gasto de dinheiro que faz falta. Era bem bom que se pusesse cõbro a isso — castigando severamente os «engraçados».

C. V. — Largo Santa Marinha, 8.

Comprei uma caneta «Parker». Custou-me os olhos da cara, naturalmente. Mas, enfim, é uma caneta que está afiançada por 25 anos, o que quer dizer, que durante 25 anos, se ela mostrar mau funcionamento, a casa vendedora compromete-se a repará-la ou substituí-la por uma outra, gratuitamente. Puro engano! Meses depois de a ter comprado, o aparato começou a falhar. Confiado, dirijo-me directamente à Papelaria da Moda, onde a tinha comprado, e peço que me substituam o aparato por um outro, que não arranhe e que escreva normalmente. Pois os senhores empregados recusaram-se a fazer a devida substituição, alegando que eu não sabia escrever, e que dera mau uso ao aparato. Pergunto: jo que posso eu fazer num caso destes? Para que serve, afinal, a garantia, se os empregados podem argumentar daquela maneira simples e fácil, atirando sempre para cima do cliente as culpas do mau funcionamento da caneta?

J. GONÇALVES — Av. António Augusto de Aguiar, 122.

AS ORDENS DE V. EX.ª!...



Já reparou que há uma série de pessoas trabalhadoras, amigos que não conhece e que contribuem para o seu bem-estar, sempre prontos a uma amabilidade: «as ordens de V. Ex.ª?». Amáveis, eles são os últimos abencerragens da cortezia burguesa. E abrem-nos a portinhola do automóvel, vão-nos buscar o chapéu ao bengaleiro, retiram-nos da mesa a chávena vazia, tornam-nos, enfim, a vida cômoda, por essa Lisboa fora.

Já repararam em quantos se dirigem com um sorriso nos lábios e uma frase: «as ordens de V. Ex.ª?»...

UMA REPORTAGEM DE SERODIO

A OUTRA GUERRA, DEPOIS...

QUANTO tempo durará a guerra? Toda a gente se deita a fazer contas mas, evidentemente, ninguém pode ir além das suposições. Não deixa de ser admissível, entretanto, à vista das declarações dos responsáveis e à vista dos próprios acontecimentos, a suposição de que possa ainda este ano obter-se uma decisão. Em Março? Em Dezembro? Para o ano que vem? Em alguns sectores tomou corpo, recentemente, a ideia de que o desfecho poderia precipitar-se — e tal estado de espirito deu origem a que se formassem, nos meios ligados ao mundo dos negócios, em Londres ou em Washington — isto veio em telegrama da origem interessada — um certo movimento de inquietação. A primeira vista, pode parecer que se trata, apenas, de um lamentável egoísmo do mundo dos negócios: acaba a guerra, acabam-se os negócios. Mas esta consideração simplista pode não ser inteiramente justa. É preciso, realmente, considerar que a máquina industrial do mundo inteiro foi desmontada completamente e montada de novo para fazer a sua adaptação à produção de guerra. Isto levou, naturalmente, meses a fazer. A passagem da economia de guerra para a economia de paz não se poderá, do mesmo modo, operar em oito dias. Hoje, nos grandes países em guerra, há milhões de homens mobilizados. Os termos da guerra pode não significar, desde logo, a desmobilização dos exércitos, mas deve implicar, automaticamente, o termo da produção de guerra: não mais canhões, não mais obuses. Entrar-se-á, porém, num período de transformação, que será tanto mais rápida quanto mais aperfeiçoados estiverem os necessários planos para essa transformação. Onde se faziam motores para aviões de guerra pode, muito bem, continuar a fazer-se motores para aviões de paz. Mas onde se faziam — e fazem — fitas para metalhadoras, não pode de um dia para outro passar a fazer-se aparelhos de telefonia ou máquinas para picar batata, ou brinquedos para as crianças. Isto implica, é bem de ver, um período de adaptação. Em que ponto de adiantamento estão os planos para essa tarefa? Que razões prevêem? A partir de quando? Evidentemente, esses planos têm de ser — eles próprios — organizados e sucessivamente readaptados consoante as indicações do barómetro da guerra. Não é, com efeito, operação de somenos importância esta de receber, apenas pelo toque de um clarim que manda cessar fogo, a disponibilidade de mão de obra de milhões de homens. Em plena guerra, com o esforço gigantesco que é necessário emprender, ainda é possível encontrar, nas grandes capitais, homens que tocam música pelas ruas para chamar gente a quem possam pedir esmola. Para além do problema da guerra, para além do problema político da sua própria solução, há a organização do mundo. Na sua última mensagem — a que dirige atualmente ao Congresso — o presidente Roosevelt, com o seu habitual realismo, não hesitou em enfrentar deliberadamente esse problema, enunciando desde já os princípios gerais do que chama a «Segunda declaração dos direitos do homem». Esse plano inclui:

- 1.º — O direito ao trabalho bem remunerado.
- 2.º — O direito de obter o bastante para prover às necessidades de alimentação, vestuário e recreio.
- 3.º — O direito de cada agricultor regressar a uma posição que lhe permita uma vida decente.
- 4.º — O direito de todos os homens de negócios estarem libertos duma concorrência desleal de monopólios poderosos.

5.º — O direito de cada família ter um lar decente.

Pode considerar-se que esta *carte de cidade* é, naiguns dos seus pormenores, tipicamente americana. Mas o seu espirito não é. O seu espirito tem de ser compreendido e sentido como de significação universal. Quando a guerra tiver chegado ao fim, é necessário, para eliminar a origem de novas e futuras convulsões, que os homens deponham a espada e empunhem o arado, alegremente, sem que tenham de perguntar para que foi, afinal, que se bateram e sofreram. É preciso, realmente, promover uma atmosfera de confiança, de colaboração, de bem-estar entre os homens como entre as nações. É preciso, para além da guerra, continuar o esforço gigantesco de produção, de mobilização de inteligências, de vontades, de esforços de trabalho e de todos os valores para reconstruir tudo o que de bom se perdeu e para construir tudo o que nunca chegou a haver. É preciso, quando a guerra acabar, que se não prece de vista a conta de quanto se gasta, hoje em dia, em cada hora de combate — para que se gaste outro tanto, ao menos durante algum tempo, no combate à dor, à miséria, à angústia, ao desalento. Roosevelt disse o mínimo que importa não perder de vista: o bastante para prover às necessidades de alimentação, vestuário e recreio; o direito de cada família ter um lar decente...

J. R. S.

YUGOSLÁVIA

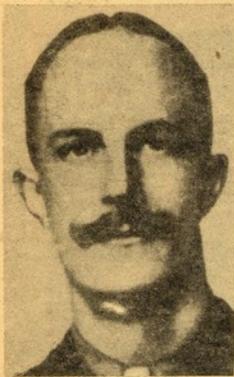
A PRIMEIRA FOTOGRAFIA DE MACLEAN

HA homens célebres que têm o horror da publicidade. Ao brigadeiro Fitzroy Maclean, que é tão bom diplomata como militar, atribuem-se algumas histórias de carácter saboroso, a propósito de fotografias e fotografias. Todavia, recentemente, foi possível fazê-lo fotografar: era uma pessoa falada em todo o mundo e os arquivos esperavam a sua foto, para completar a ficha respectiva. De facto, Maclean — ele foi há pouco promovido a brigadeiro — é uma figura de projecção mundial, depois que as agências telegráficas o revelaram chefe da missão militar britânica, junto do quartel general de Tito,

na Iugo-Eslávia. Deputado, muito jovem — os jornais suíços, alemães e ingleses estão de acordo em atribuir-lhe 32 anos, não obstante a foto junta não ser da mesma opinião — foi eleito membro do Parlamento em 1941. É, pois, uma figura política e militar criada por esta guerra, que tantos astros fez e desfêz. É certo que já antes da guerra fora secretário da embaixada em Paris e Moscovo — mas a sua carreira começou, de facto, com esta guerra. Paracadista — foi o primeiro membro de tropas paraquedistas que teve assento nos Comuns — atribuem-se-lhe histórias maravilhosas de aventura, vividas na Iugo-Eslávia, onde teria caído em pára-quadras, com o nome de emajor William Jones, para mal dos pecados alemães que desataram a falar do famoso militar como se fosse um espectro.

Mas não são só os iugo-eslavos que conhecem Maclean: os Franceses Combatentes deram-lhe a Cruz de Guerra, quando comandou um grupo de paraquedistas que fez fracassar uma operação de Rommel, às portas do Egipto.

É este, pois, o brigadeiro Maclean, o diplomata que sabe andar de pára-quadras, que mede dois metros de altura e que tem ódio aos fotógrafos...



INGLATERRA

“O homem que salvou a Grã-Bretanha”, faleceu num campo de prisioneiros!



POCOS se lembrarão já dos pormenores do episódio de Dunquerque. Eles ficarão como uma legenda trágica desta guerra, mas a glória dos factos ultrapassou a memória dos homens, para adungrir a história. A frente dessa odisséia, um nome, porém, parece ter caído no esquecimento, para ressurgir agora com a própria morte: o brigadeiro Claude Nicholson que comandava as tropas aliadas — 3.000 ingleses e 800 franceses — em Calais. Foi esse punhado de homens que em 1940 deteve, durante quatro dias, o avanço alemão, permitindo, assim, que os despojos do corpo expedicionário britânico pudessem reenbarcar em Dunquerque.

O brigadeiro Claude Nicholson caiu naturalmente prisioneiro — e o esquecimento dos vivos, donde a morte acaba agora de o arrancar. A propósito, os jornais ingleses publicaram, com largo desenvolvimento, o

texto da ordem que o Ministério da Guerra lhe enviou, naquela dramática situação:

«Cada hora que V. Ex.ª possa continuar a resistir, será da máxima importância para o corpo expedicionário britânico. O governo deliberou que V. Ex.ª prossiga na luta e manifesta a maior admiração pela atitude invulgarmente corajosa das suas tropas.»

Nicholson, com o seu punhado de homens, combatu, então, como lhe pediram ou ordenaram. O seu drama pessoal prolongou-se — mas o gróssio da retirada realizou-se com êxito, a coberto do sacrificio desses 3.800 homens que se renderam, só depois das duas divisões alemãs terem entrado em Calais.

Agora, quando morreu — tinha apenas 45 anos — num campo de concentração, a imprensa do seu país não se negou a chamar-lhe o homem que salvou a Grã-Bretanha.

NORUEGA

A MAIS BARATA DAS VIAGENS...

O jornal norueguês livre «London Rádio» relata, no seu último número, o seguinte episódio engraçado:

«Fritt Folks», o jornal de Quisling, realizou recentemente um inquérito: «Quem é que teria feito a viagem mais barata, através do Mar do Norte?» — ao que o próprio jornal respondeu: «o rei Haakon, porque toda a viagem lhe custou apenas uma coroa.»

No dia seguinte, telefonou para a redacção do «Fritt Folks» um leitor, declarando que a anedota era muito engraçada, mas que o engenhoso redactor se esquecera de acrescentar a piada final: é que, quando o Rei voltar, ser-lhe-á restituída a coroa. E, então, até terá feito a viagem de ida e volta — mas de graça...



RAPARIGAS NA MARINHA

AQUI há anos, o cinema revelava-nos, nas suas grandes paradas de revista, fantasias verdadeiramente sensacionais, com mulheres bonitas em travestis a fazer de homens de guerra. Mas, agora, a realidade ultrapassou a fantasia do cinema, tal qual havia passado além dos ousados projectos de Júlio Verne. Aqui está, assim, uma brigada de raparigas tão bonitas como aquelas que o cinema nos apresentava, nas lides da marinha. São norueguesas e pertencem ao corpo naval auxiliar feminino. A sua attitude, que tem qualquer coisa de teatral — é simbólica, na verdade, porque representam uma força ao serviço do seu país. O comando naval norueguês, com residência em Inglaterra, criou, em Setembro de 1942, um corpo naval auxiliar feminino cujas componentes são treinadas em «pronto-socorro», leituras de mapas e bússolas, reconhecimento de aeroplanos, sistema «moras» — e tudo o mais que não exija exagerado dispêndio de energias físicas. Com a criação deste corpo de serviços, o alto comando norueguês conseguiu libertar homens marinheiros para funções mais pesadas, nas frentes de batalha.



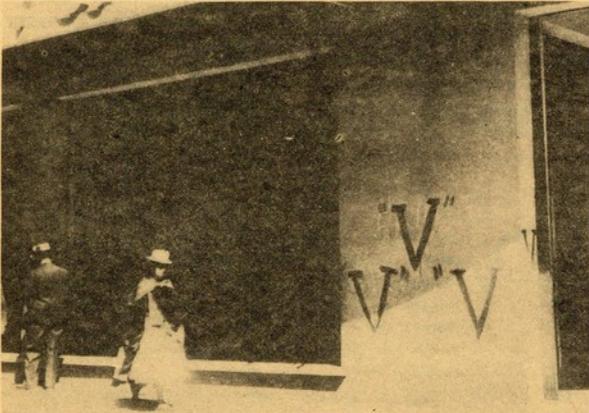
NOTAS DE GUERRA



Tem destes gestos de solidariedade e comovente ternura, esta guerra feroz que os homens estão a travar de vida ou de morte: sempre que um dos elementos das respectivas equipagens desaparece, depois dos «raids» a Europa, os pilotos das forças aéreas da América, estabelecidas em Inglaterra, colocam mais uma cruz do mais fraco ou menos inteligente. Aqui está uma delegação militar japonesa que venceu o Pacífico, a Ásia e a Europa, para visitar, há dias, com os alemães, as fortificações da costa do Atlântico.



Não há distâncias nem objectivos imediatos, nesta guerra. Os problemas têm que ser avaliados e resolvidos no seu conjunto e, para isso, os homens deslocam-se a lódas as distâncias, para tentar arrancar o facho da vitória às mãos do mais fraco ou menos inteligente. Aqui está uma delegação militar japonesa que venceu o Pacífico, a Ásia e a Europa, para visitar, há dias, com os alemães, as fortificações da costa do Atlântico.



A Bolívia está a ser objecto de estudo atento, dentro dos seus fenómenos políticos, últimamente registados, por parte das Nações Unidas. Cordell Hull anunciou que será publicado um parecer a respeito do último golpe de Estado. Entretanto, os fotógrafos «repórteres» entretrêm-se a colectar documentos destes: a fachada de uma casa nazi, em La Paz, cuja frontaria, uma manhã destas, apareceu assim salpicada do «V» da vitória inglesa.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



PRESIDENTE INONU

DE vez em quando, agitam-se os meios internacionais da política: «irá agora a Turquia entrar na guerra?». E sucedem-se as conferências e movimentam-se as consultas. Entretanto, o tempo passa na sua abstracção dos interesses humanos — e as coisas ficam como estavam. O general İsmet İnönü, Presidente da República turca, herdeiro dos segredos de Mustafá Kemal, depois de ter proclamado a não-belligerência da Turquia, tem desenvolvido uma política difícil, no sentido de evitar a entrada do seu país na guerra, procurando, ao mesmo tempo, pô-lo a salvo de dificuldades no pós-guerra. Política e geograficamente à mercê de contingências do mais forte, a Turquia tem uma função especial a desempenhar entre os interesses russos e ingleses. E ao Presidente İnönü, desde 1938 à frente dos destinos pátrios, cabe uma grande parte do êxito político que a Turquia tem obtido no decorrer desta guerra. O acôrdo comercial com a Alemanha, a cedência de material a coberto da Lei de Empréstimo e Arrendamento, enviado pela América e, ainda, as conferências que ultimamente e desde sempre os dois campos belligerantes provocaram com os responsáveis da política turca — mostram bem como tem sido inteligente e devidamente apreciado o comportamento político do seu Presidente que é também um oficial de merecimento.



COSTINHA

NUM célebre dia 24 de Fevereiro — vão fazer 53 anos — nasceu, nesta boa terra portuguesa, um risonho e rochunchado bébé a que foi pôsto o nome de Ernestino Augusto Costa. O rapaz ao chegar à idade dos estudos matriculou-se numa escola comercial, mas, já então, o teatro lhe feria nas veias. A semelhança do que em regra acontece, a família entendia que isto de teatro não era vida; o nosso Ernestino, porém, ao atingir os 21 anos proclamou a independência, atirou ao ombro a capa de Arlequim — e deu o braço a Talma. Há trinta anos que representa com invejável êxito, saltitando da comédia para a opereta e da revista para a farsa, com uma leveza e um à-vontade desconcertantes. A popularidade tocou-o com a sua mão acolhedora; as plateias vêem nele um artista cheio de talento e de alegria; os empresários disputam-no; as mulheres sorriem-lhe — e o destino — dir-se-ia ter consubstanciado nele o conceito de que um homem não se mede aos palmos, mas às palmas... Principalmente quando é um actor.

À maneira de Mário Beirão

Doce melancolia cismadora
Do Paço de Queluz — velha quimera,
Onde há estátuas de amor, vestidas de hera,
Que o sol poente, em longos beijos, doura!

Que evocação saúdosa, tentadora!
Que inverno cbeirando a primavera!
O tempo passa e tudo desespera,
Mas Queluz fica na luz que se evapora.

E vejo ainda, ao canto da alameda,
Certo par vestido de oiro e seda
Como numa pintura airosa e fina:

É El-Rei, o Senhor D. João VI
Que aproveitando certo momento lesto
«Flirta» com Carlota Joaquina!

Coisas PORTUGUESAS

ARMANDO de Lucena, cuja barbicha mefistofélica disfarça uma expressão bondosa e sorridente, não é apenas um pintor ilustre: é também um escritor e um investigador de primeiro plano. Os seus dois volumes sobre Arte Popular bastariam, só por si, para o demonstrar. Há livros viçosos e primaveris. Estes pertencem a êsse número. Em algumas centenas de páginas assistimos, sem fadiga, à evocação de velhos usos e costumes portugueses, tantos dêles subvertidos pela onda de descaracterização que assola o mundo e que não poupou também, neste capítulo, o tranqüilo recanto em que vivemos. As descrições da noite de Natal; dos Presépios; do namôro aldeão; dos magustos; das romarias; dos cirios; dos jogos de prendas; da matança do porco; do barbeiro de aldeia; dos tradicionais tipos populares alfacinbas — constituem, entre muitas outras, verdadeiras aguarelas, cheias de côr, de frescura, de pitoresco e — ou nós não estivéssemos em Portugal — de sol ofuscante e doirado. Paisagista de ofício, Armando de Lucena, substituindo a tinta e a paleta pela palavra e pela letra de fôrma, continuou, entretanto, sendo, estruturalmente, um pintor. Ao fechar a última página dos seus livros não foi contudo apenas um sentimento de admiração que me ditou estas palavras: foi também a exteriorização do desejo de que muitas das aguarelas evocativas de Lucena se animassem dum imprevisito sôpro de vida, e nós as pudéssemos ver, de novo, por essas cidades, vilas e aldeias — como no tempo das alminhas e dos milagres... Não falta quem afirme que o desaparecimento de certos usos e costumes característicos é Progresso. Pelo que julgo não é progresso: é sensaboria.



FRANCESISMO



Bourbon e Meneses
está escrevendo as
suas memórias.
Quando vierem a
lume — vai arder
Troia. Dessas futu-
ras páginas cinti-
x. lantes recortamos

por amabilidade sua, êste pequeno episódio. Malva do Vale, conhecida figura da República, ocupou um alto cargo numa das nossas instituições bancárias. Um dia, certo francês tendo de se lhe dirigir, endereçou a carta desta maneira:

— Mr. Parapluié de la Vallée!

RACIONAMENTO



Encontrámos, uma tarde destas, Rocha Martins. Estendemos-lhe os braços como a um velho amigo que se encontra:

— Viva o grande de Rocha Martins!

— Rocha Martins, perdão..., Rocha Martim...

— É singular. Então agora mudou de nome?

Logo êle, com o melhor sorriso do mundo:

— Martins significava quantidade, abundância, e nós estamos em época de reduções. Racionei-me. Agora sou apenas Martim — e viva o velho!

«HOMERO» DE ALMADA NEGREIROS



Almada Negreiros descobriu quem era, afinal, o célebre Homero. Após estudos aturados e persistentes veio a apurar, entre outras coisas, que Homero

usava monóculo; vestia túnica de peline; ia, tôdas as tardes, tomar a sua xícara de café à «Brasileira»; fazia versos nas horas vagas e que a mulher — porque Homero era pavorosamente casado — se chamava Madame Homero.

Bem se vê que Homero pertence a um país de descobridores!



SABE QUEM FOI COPÉRNICO?...

EM 19 (outros dizem 12) de Fevereiro de 1473, nasceu, na cidade de Thorn, Nicolau Copérnico, o criador da teoria planetária heliocêntrica, e a quem a ciência classifica como um dos pioneiros da astronomia moderna.

Filho de um padreiro, Nicolau Copérnico recebeu, todavia, uma apurada educação. Pela morte

do pai, foi o seu tio maior, Lucas Watshode, bispo de Emertard, quem o pôs a estudar nos melhores colégios de Thorn, onde obteve brilhantes classificações no estudo do grego e do latim. Em 1491, aluno da Universidade de Cracóvia, nos cursos de filosofia e de medicina, revelou-se com um gosto acentuado pela matemática e pela astronomia. Anos mais tarde, em Roma, já dava lições destas duas ciências, criando, desde logo, grande fama pelo seu saber e método de ensino.

Apesar de ligado ao clero e à administração pública, como administrador do Castelo Diocesano de Allenstein, que absorvia grande parte do seu tempo, Copérnico nunca interrompeu de estudar, aprofundando, cada vez mais, os dois ramos que o empolgavam: matemática e astronomia. As altas torres dos castelos de Heilsberg e de Frauenburg foram os seus primeiros observatórios. Em 1542 escreveu Copérnico o tratado «Dos lados e ângulos dos triângulos». Pouco depois, baseando-se nos seus estudos astronômicos, escreveu: «De revolutionibus orbium coelestium». Este livro não foi imediatamente publicado, porque Copérnico estava certo de que ele iria provocar grandes discussões, como se pode ler no prefácio do volume que ofereceu ao Papa Paulo III: «Não duvidado que logo que se conheça o que escrevi sobre os movimentos da terra, grande poeira se levantará. Por isso, e por temer que devido às novidades e ao «aparente absurdo das minhas doutrinas, seja eu objecto de riso e de vilipêndio, estive a ponto de renunciar à minha empresa.

A obra foi publicada e, como Copérnico previa, provocou a tempestade. Uma tempestade que veio a rebenhar 76 anos depois da sua morte, com a questão levantada por causa das novas idéias de Galileu. E como Galileu se baseava na teoria de Copérnico, foi o seu livro acusado de conter e dar como verdadeiras, falsas idéias sobre o movimento da terra que eram absolutamente contrárias à Sagrada Escritura. Assim, «De revolutionibus orbium coelestium» foi condenada em 3 de Março de 1616, pela Congregação do Index, e em 1758, Benedito XIV proibiu a sua divulgação e leitura.

Esta obra-prima consta de seis volumes, sendo o primeiro o mais importante, onde é explicado o movimento diário da rotação da terra em volta do seu eixo e o princípio da gravitação universal. Copérnico morreu em 24 de Maio de 1543, na cidade de Frauenburg.

UMA EXPERIÊNCIA INTERESSANTE...

Não se assustem, que não morreu ninguém. Foi apenas uma experiência. O senhor enforcado continua vivo, para grande alegria de sua simpática esposa e dos seus três filhos. Mas que é isto? É um grande mistério, disse não restam dúvidas. Joseph Olette — é este o nome do tal senhor — pendurou-se no tronco de uma das árvores da sua propriedade e ali esteve enforcado durante três minutos. No fim, muito rózo, quasi não respirava, mas ainda balbuciou: «Não custa mesmo nada morrer-se enforcados. Pois sim, mas outros que acreditem...»

Não serão cães α mais?...

TRATA-SE de um número fabuloso, qualquer coisa de grande, de aparentemente absurdo. É de concluir portanto, que a notícia vem da América, do país dos «erécord», das coisas impossíveis.

Podem lá imaginar qual a «população» canina dos Estados Unidos? Apenas dos cães registados, naturalmente, dos cães que têm uma coleira e pagam impostos? Pois nada mais nada menos do que quasi o dobro dos habitantes de Portugal. É isso mesmo: quinze milhões de cães, nem mais um, nem menos um, segundo o último censo.

Nestes tempos difíceis de guerra e de crise económica, podem muito bem calcular as dificuldades que existem para alimentar tantos cães. Querem um número, outro número astronômico? Pois aí vai: no espaço de um ano gastou-se qualquer coisa como 40.000.000 de dólares com a alimentação de tanta cachorrada.

Naturalmente que os cães são uma boa fonte de receita não só para os cofres do estado, como também para dezenas de companhias que se dedicam a produzir milhões e milhões de caixas de carne especial e verdura destinadas a satisfazer o apetite canino. Isto não falando nas casas de

saúde, nos hospitais, nos institutos de beleza que apenas vivem à custa dos cães, ou melhor, à custa dos donos dos cães. Mas ainda há mais. Nos bairros ricos de Nova-York, muitos pobres-diabos ganham dois dólares por hora apenas para fazerem passear os cães de luxo dos milionários da 5.ª Avenida. Não se pode dizer, como se vê, que os cães não são uma esplêndida fonte de receita...

Sabe responder?...

- 1 — Quem foi o criador da teoria Mathusiana?
- 2 — O que quer dizer esta expressão latina: verbo volent, scripta manent?
- 3 — Quem é Sérgio Lifar?
- 4 — Em que ano se deu o terramoto de Lisboa?
- 5 — Como se chamava a cunhada do Conde D. Henrique?
- 6 — Onde ficava Ossónoba?
- 7 — Quem foi Lamartine?
- 8 — Com que se envenenou Sócrates?
- 9 — Como se representa a figura de Diógenes?
- 10 — Ampère, é uma unidade de quê?

(Continua na pag. 16)

MEIAS DE "SEDA PRÓPRIA"...

Aí está, minha senhora, uma maneira simples e elegante de economizar dinheiro ao seu marido. Quarenta escudos por um par de meias que se rasgam em dois dias? Nem pensar nisso! A guerra criou uma nova modalidade de meias: «as meias de seda própria», que é como quem diz, as meias são as pernas. Basta um frasco de um creme

especial, um lápis, e um pouco de firmeza na mão, para terem a meia mais fina e mais resistente que até hoje ainda se inventou. Só serve para o Verão? Engano, minhas senhoras. O creme, que dará à perna o tom da seda, actua, ao mesmo tempo, como isolador do frio e é impermeável à chuva. Porque não há-de experimentar?...



LITERATURA

“FANGA”

De ALVES REDOL

PARECE-ME que se defrontam na literatura de hoje três espécies de romancistas cuja descrença transcende as convencionais modalidades de escola: os romancistas de análise psicológica e introspecção exclusiva que têm as suas raízes em Proust ou melhor, na espécie de humanidade moral que ele representa em literatura; os romancistas-espectadores, dilettantes do espectáculo da vida, seja ela burguesa, aristocrática ou proletária — e dilettantes ainda quando disfarçam os temas populistas sob a afirmação, mas não realização literária, das suas aspirações sociais; e os romancistas que sentem e vivem, palpitando com eles, os sofrimentos da massa humana, as misérias indivisíveis, as revoltas que a injustiça acumulou no decurso dos séculos e hoje clamam reparação insofrida.

Para estes, a verdade literária nunca poderá ser reprodução impassível dos espectáculos elegantes ou dolorosos da vida. Não poderão consagrarse em exclusivo à reportagem regional, à descrição fria da miséria, em que as figuras humanas se dissolvem sob a camada monótona dos sofrimentos imemoriais da vida estreita e rude, da natureza ingrata que sufoca as almas. E o que elevará as suas criações à verdade suprema que pretendem exprimir — a possibilidade de outro mundo mais perfeito e realmente humano — será o estilo especial em que o lirismo da dor e a grandeza épica das aspirações se sobreponham à narrativa da vida amarga e pardacenta em que a maioria dos homens se consome agora.

Essa dualidade de elementos, mal ligados ainda e sem a expressão definitiva que podemos esperar do seu forte poder narrativo, é o que encontramos nos romances de Alves Redol e, especialmente, na «Fanga», de que foi publicada agora a 2.ª edição (1). Nesta biografia simbólica, mas muito verdadeira, de um camponês da Golegã, deparam-se esses dois planos cuja forçada separação constitui a maior deficiência de tantos escritores novos que pretendem realizar literatura social: de um lado a descrição minuciosa e realista das condições existenciais da existência; do outro, a referência diluída e incompleta dos estados de alma que lhes correspondem, e que, talvez, verdadeiramente, nunca atingem a intensidade psicológica, a verdade humana individual e a grandeza épica de sofrimento e de revolta que devia exprimi-los.

Tudo isso pela ilusão neo-realista de que a miséria pode ser um tema literário só por si, sob a disfarçada reparação através de caracteres definidos

que lhe daria sentido verdadeiramente humano. A miséria é um facto e não um «caso» a exprimir em arte. Para explicar alguma coisa — como convinha a uma séria literatura do nosso tempo — seria necessário fazê-la viver por personagens que a compreendam, a experimentem originalmente, a transfigurem em maneiras de ser; e representar isso em romance equivale realmente a fazer análise psicológica, construir seres com vida interior, erguer «homens» e não fantoches dentro da miséria e contra ela.

A grande força de um escritor como Alves Redol consiste justamente em que a sua visão lírica e apaixonada da existência, a sua doutrina de épicas soluções sociais, transborda o quadro restrito dos preconceitos literários chamados «neo-realistas». Não é capaz — e ainda bem — de cingirse à reportagem fria e inerte, de se confinar no que «vê» mas que não se vê viver. As melhores páginas de «Fanga» são aquelas em que o autor se liberta do preconceito puramente descritivo e deixa brotar à superfície dos personagens sofrimentos e lirismo, a impetuosa vibração humana, o grande alento épico que é o da sua inspiração mais profunda. Na medida em que realça e disfarça essa verdade das almas, assim a obra esmorece e se alonga na descrição do que toda a gente sabe e pode ver.

O mais notável ainda neste romancista é que, apesar de tais desencontros entre a inspiração e a intenção, consegue manter quasi sempre a unidade de estilo que é fundamental em toda a obra de arte. Mas não é completa nem suficiente, neste seu romance como nos outros, a expressão da realidade interior na massa inteira das almas, associadas pela miséria e sofrendo-a com a dor grandiosa que pode levar às supremas revoltas ou à abdicção trágica. Essa esperança escatológica dos oprimidos em outro destino que os liberte da miséria e da humilhação, não atinge a altitude de expressão psicológica que podia conferir-lhe grandeza literária e, sobretudo, mais verdade humana.

No entanto, com a sua prosa limpa, nua, directa, quasi sem imagens, Alves Redol será capaz de nos dar ainda os grandes romances do nosso povo, com dramatismo, observação justa, nas relações dos homens com o seu meio, movimento original e, acima de tudo, verdade dos seres com as aspirações que podem redimi-los.

ALVARO SALEM

(1) Editorial Inquérito.

STEINBECK, o único americano divulgado na Alemanha depois da guerra...



CONHECEM John Steinbeck? Pois ele é hoje um autor de grande categoria internacional. Romancista — dera-nos, primeiro, «The Grapes of Wrath», um livro de crítica à sociedade norte-americana e que promoveu o escândalo público e a acção da censura e o apreendeu. Depois, deu-nos a «Noite sem Lua» — «The Moon is Down» — publicado, em resumo, pelo Readers Digest, e que foi traduzido em todas as línguas. Trata-se do drama da Noruega, sob a ocupação alemã, e dele foi extraída uma peça teatral representada em quasi todo o mundo.

Pois, além de todos estes títulos de invulgar categoria — Steinbeck goza ainda de outro grande motivo de interesse: foi o único escritor norte-americano divulgado pelos alemães durante esta guerra. De facto, «The Grapes of Wrath» — «As vinhas da Ira» — foi publicado em folhetins por um jornal de Berlim. A razão desta divulgação compreende-se, aliás: o livro é uma crítica severa e causticante à sociedade norte-americana...

FACA DE PAPEL

— Costa Brochado publicou na Portugal Editora novo estudo da série que iniciou com «O Infante D. Henrique». No intuito de representar em grandes figuras históricas a indole social e política das maiores épocas do nosso passado, também este livro sobre «Afonso de Albuquerque» contém úteis ensinamentos. Sem novidade de investigação e crítica, o seu teor descritivo é agradável e a narração conduzida com seriedade e erudição.

— O livro de versos de Azinhal Abelho, «Canto Chão» contém alguns poemas em que se altam com felicidade e agrado o conteúdo modernista e as formas clássicas. As suas melhores relações são, talvez, aquelas

em que exprime uma visão melancólica ou tristemente irónica da vida provinciana; e certas quadras de flagrante cor em que a realidade exterior e o sentimento se misturam com perfeito ritmo.

— Gentil Marques trabalha actualmente em dois novos romances: «Nós somos assim» e «Cimento armados».

— Prossequindo na composição das suas oportunas biografias literárias, vai publicar o Dr. Carlos Olavo «A vida amargurada de Filinto Elísio»; e ainda, coligindo crónicas e apontamentos literários, outro livro que será intitulado «Homens, fantasmas e bonecos».

UMA FABULA DE LESSING

CORRE entre os árabes a lenda, não sabemos se verdadeira, de que os cavalos tremem sempre que deparam um camelo. Lessing aproveitou-a para uma das suas fábulas que é também uma esplêndida caricatura humana.

O cavalo andava descontente porque o homem não o deixava comer o que desejava, lançava-lhe sobre o lombo uma pesada sela e lhe pregava ferraduras sobre os cascos. Apresentou as suas reclamações no Olimpo, e Júpiter prometeu que ia estudar o caso. Tempos depois, o cavalo foi chamado para apreciar o modelo dos cavalos futuros que Júpiter imaginara para diminuir as suas penas: um animal que não precisava de comer durante muitos dias, não usava ferraduras nem podia sustentar sela sobre o lombo — em suma, um camelo. O cavalo fugiu aterrado perante essa imagem do que seria o seu ideal e nunca mais reclamou aos deuses.

Simbolo expressivo esta fábula de Lessing, sobretudo para os espíritos cegos que pretendem impor aos outros o que a sua natureza nunca lhes consentiria ser.

10 MINUTOS COM ALBERTO SERPA

ALBERTO de Serpa, mesmo distante pelas suas andanças provincianas, soberanamente protegido pelo seu magnífico desprêzo do reclamo, da farsa jornalística e da propaganda de grupelho, é ainda e será sempre um dos mais altos nomes da moderna poesia portuguesa. O seu lirismo sincero, a sua poesia pura — que o é na forma e na intenção — tem a eternidade certa da perfeita vocação artística. «20 poemas da noite» há-de ser pelo tempo forma das mais belas e comoventes criações da poesia portuguesa.

Encontramo-lo agora no seu escararão de Leça de Palmeira, sobre o mar de António Nobre, em simpática ferreola de pescadores. Daí nos anuncia as suas próximas iniciativas literárias:

— Publicadas, «As melhores Poesias Brasileiras», que organizei com o prazer de dar aos portugueses um novo e fraterno espectáculo. Tenho prontos para entrar no prelo o volume «Poesia de Amor» (Antologia portuguesa), de colaboração com José Régio, e «Poesias», volume onde relíno a poesia que dei até hoje.

— E em preparação? — Trabalho num livro novo de poemas, intitulado «Ruas». Sou eu



só, ainda, por essas ruas velhas do Porto... Elas são, realmente, irmãs das de outras cidades onde o homem vive e sofre, mas como cada dia creio menos nos homens e em mim, e mais em Deus, os meus versos continuarão, por certo, distantes duma popularidade fácil que

não desejam. Não os escrevo para ter adeptos, nem para obter prémios: a minha alma nega-se a servir. A poesia — como toda a arte — deve ser uma profunda e livre expressão do homem.

— Crê, então, ser possível a inteira liberdade da arte?

— Querer impôr a um poeta um motivo para o seu canto, é prendê-lo e é perdê-lo. Eu bem ouço os chamamentos de vários lados, insistentes e prometedores, mas os líricos podem ter a força dos dramáticos, e não irem por aí...

É consolador, para certos espíritos da minha geração, chegarmos à idade em que os de outras gerações eram aceites e coroados, e termos de continuar a luta contra o ambiente. Essa luta quero dizer que vivemos... Penaliza-me pensar que talvez a minha geração já não tenha tempo de fazer o que estava nas suas forças. Eu sei quantos projectos fui forçado a matar, e calculo quantos papéis ficaram em branco!

Mas a poesia não morrerá. Será sempre uma fala dos homens, a sua mais bela fala, e eles háo-de encontrar nela o eco da voz dum Homem e dum Deus que subiu dum monte para morrer... e para resuscitar.

APRIGIO MAFRA NAS MÃOS DAS BRUXAS...

DOS VIVOS E DOS MORTOS

QUE mal teria feito Aprígio Mafra a qualquer bruxa ou fada má que o tivesse bafejado à nascença?

As fadas ou as bruxas — dêem-lhes o nome que quiserem — mereceram este reparo ao grande Antero... Parece mentir, mas é verdade! Recordam-se daqueles deliciosos versos do imortal poeta-filósofo:

*As fadas... eu creio nelas!
... Quem as ofende, Cautela!
A mais risinha, a mais bela,
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
É inimiga agressiva,
É serpente que ali está!*

Pois é assim mesmo... Aprígio Mafra, o jornalista da prosa inimitável e inconfundível, é confundido, a cada passo, por quaisquer dos seus muitos e variados biógrafos. Até hoje, ainda nenhum foi capaz de dizer alguma coisa de jeito.

Aqui deve andar coisa má, lá isso anda... Influência das bruxas a quem o cintilante jornalista jogou alguma das suas ironias mais chistosas — e daí a vingança.

É preciso quebrar o enguiço, seja como for. Aprígio Mafra — filho ilustre de Portalegre — em vez de chorar à nascença como todos os meninos, soltou talvez uma gargalhada mesmo nas bochechas da tal bruxa invisível que lhe espiava os primeiros movimentos à luz do sol. Não podia ser outra coisa.

O pequeno Aprígio foi crescendo, crescendo, até que, um belo dia, apareceu em Lisboa, a tomar parte nas lides jornalísticas que andavam então asanhadas.

Na verdade, era aquela a sua verdadeira profissão. Tinha cultura, escrevia com facilidade, brilho, leveza, e, acima de tudo, tinha muito espírito. Que mais seria preciso? Houve já quem dissesse que se o inolvidável Leite Bastos, autor das *Tragédias de Lisboa*, das *Létrás e Tretas*, dos *Sapatos de defunto* e muitos outros trabalhos que pejarão as colunas nobres das gazetas de há 70 anos, tivesse mais um pouco de cultura, poderia ambicionar com Dumas Paol, Ponson du Terrail e Paul de Kock, arvorados então em ídolos mundiais.

Assim era. A prova está em que completou o famoso *Rocambol* com as *Maraúllhas do Homem Pardo*, que hoje correm por aí como sendo escritas pelo próprio Ponson.

Em resumo: Leite Bastos não chegou a atingir o alto pedestal a que tinha direito porque apenas contava com a sua vocação privilegiada e a sua imaginação prodigiosa. Falton-lhe sempre o grande auxílio da cultura.

Com Aprígio Mafra não sucedeu assim. Detentor dum curso que o ilustrou nas letras, estudioso por índole e inteligente por natureza, começou a português até às raízes do latim, sem esquecer as afinidades helénicas e mouriscas. Quanto à sintaxe, estava seguro da boa ciência de bem escrever, harmonizando o correr da frase com o vôo do pensamento.

Não havia a recear, portanto, os deslizes cometidos actualmente por tantos nem as dolorosas topedas na gramática dadas por muitos mais.

Aprígio Mafra sabia escrever. Acrescente-se a isto um fluído de graça original e perece, e assim surgiu o brilhante jornalista Aprígio Mafra, invejado por uma escassa meia dúzia de plumitifs, mas apreciado por muitos milhares de leitores.

Foi no venerando jornal *A Nação*, em que se mantinha permanentemente viciado ao altar tradicionalista, aguardando a hora de cantar o *Rei chegado* que Aprígio Mafra teve o seu baptismo de fogo jornalístico. E, quando fizessem parte da redacção jornalistas experimentados e de rijo pulso, o valor de Aprígio Mafra ressaltou logo.

Assim começou a vida agitada deste franco atrador que, constituindo um grande exemplo, honrou e honra a nobre profissão jornalística.

Chegou o tempo em que o talento fazia correr graves riscos ao seu detentor. Trabalhava-se, lua a lua, em redacções improvisadas em casa rústica, com acesso para os quintais em altura de aperto, mesmo que a

altura da janela das traseiras tivesse dez ou quinze metros, e, na confecção da gazeta audaciosa e rebelde, os seus redactores jogavam a pele a cada instante.

Assim se explica a turbulência do *Correio da Manhã*, do *Diário Nacional*, do *Thalassa* e de *A Restauração*, de que Aprígio Mafra fez parte indispensável.

Aprígio Mafra era para tudo, pois tudo sabia fazer com esmero e per-

feição, desde a crónica ao suelto político, desde a entrevista ao caso da rua. Falhasse o artigo de fundo, lá estava Aprígio Mafra para o fazer.

Dai o seu prestígio e seu acesso nos jornais *A Luta*, *O Século*, *A Situação*, *A Pátria*, *Diário de Lisboa*, e, finalmente, no *Diário de Notícias*, onde ocupa o lugar de chefe de redacção.

Atravesando êsses agitados tempos de lutas partidárias, Aprígio Mafra



teve por camaradas jornalistas de larga envergadura como Brito Camacho, Câmara Lima, Mário Salgueiro, D. José Paulo da Câmara, Severina de Azevedo (Crispim), João Franco Monteiro, Eduardo Metzner, Raposo de Oliveira, Silva Passos, Lemos de Nápoles, Afonso de Bragança, António Carneiro, Reinaldo Ferreira e tantos outros que a morte levou e são ainda recordados com saudade.

Poi nesse meio tão bem servido de valores que Aprígio Mafra se desentendeu, criando, a breve trecho, um extraordinário prestígio, graças ao seu talento e ao seu espírito esufiante de graça e bom humor.

E — caso raro! — em cada um desses camaradas ilustres, fossem quais fossem os seus credos e idéias, Aprígio Mafra encontrou sempre um admirador e um amigo.

Pois em face dum tão larga folha de serviços, ainda não apareceu até hoje um biógrafo que fosse capaz de alinharr acérea de Aprígio Mafra meia dúzia de palavras verdadeiras. E, se de vez em quando brota algum com essas intenções, é certo e sabido que se lhe entrançaram as idéias e, por mais que queira, não consegue dar régo direito. Porque será? Falta de jeito? Acinte? Não... Aquel ainda — digam o que disserem — mau olhado da tal bruxa ranhosa...

É certo que Aprígio Mafra, coraçoado no seu talento e no seu bom humor, vai resistindo a tudo, como se nada fosse com êle. Puderá! Se está tão alto! Sorriundo sempre, prossegue na sua penosa e difícil missão de autêntico jornalista, honrando a classe a que pertence e a terra que lhe serviu de berço.

Indiferente a intrigas e injustiças, inacessível a invejas e invejas, mantém aberto o infindável valor do seu espírito, desfiando sempre as pérolas da sua prosa inconfundível. Ainda há poucos anos — lembro-me bem — colaborando Aprígio Mafra em certo vespertino, muita gente comprava o jornal só para ler os seus *Casos do dia*, tão cheios de originalidade e brilho, que ainda não apareceu ninguém que, ao menos, o imitasse.

Se Aprígio Mafra, seguindo o exemplo de Júlio César Machado, se desse ao cuidado de colligir toda a sua obra dispersa pelas gazetas, poderia apresentar dez ou doze volumes que o grande público devoraria gulosamente. Não o fez ainda, talvez por influência nefasta da bruxa que o traz de olho e que se vale de todos os sortilégios para o prejudicar.

A verdade é que, até hoje, todos os biógrafos se estenderam desastrosamente ao aboridar tal assunto.

Já agora, confessarei que para escrever estas mal notadas mas sinceras linhas, tratei de meter uma fígua na algeibra esquerda do coléte, mesmo em cima do coração. Disseram-me que talha o mau olhado... Falhou?... Ao começar a escrever, depois de fazer o sinal da cruz, jurei dizer a verdade, e — mercê de Deus! — cheguei ao fim. Se mais não fiz é porque não pude, que isto de jornalista, nos tempos que vão correndo, lembra um pouco o *pensionismo* cada vez mais agravado pela guerra. Qualquer criatura que não tem que comer, a primeira coisa que faz é pôr uma península para dar de comer aos outros — e então que comida!... Assim se justifica a imensidade de pensões e de biógrafos que para si pululam...

GOMES MONTEIRO

O filho de D. João da Câmara

ERA no ano de 1938. São Paulo regorgitava de cób e, entre a gente, a jornalista recém-chegada de Portugal não tinha mãos a medir para aceder aos convites das sociedades portuguesas. Por toda a parte, porém, passava o mesmo halo de simpatia e afecto: — Então, você ainda não conhece o José Paulo da Câmara? Pois hade apresentar-lho!

De facto, toda a gente me falava de José Paulo com uma timeliosa monocórdica. Mas o filho de D. João da Câmara estava para Campinas, vinha só de fugida a São Paulo e nunca por nunca nos havíamos encontrado. Até que um dia, na confusão de um grande sPórtos oferecido pela direcção do centro transmontano, eu e José Paulo ficámos lado a lado. E ouço ainda, no seu riso largo, de grandes braços a adejar:

— Ah! mas então você é que?... Ora, toda a gente a falar-me de si e a dizer que havíamos de ser apresentados!

E foi assim: já não foram precisas apresentações. José Paulo e eu seríamos daí em diante bons amigos. Ele logo ali me fez muitas perguntas a respeito dos velhos companheiros da faina jornalística, quis saber como ia por cá e acoisa e segredou-me:

— Que quere? Chamei-me o que quiserem. Considerei-me expatriado político. Não quero lá voltar — antes da restauração. Eu sou monárquico...

José Paulo da Câmara pediu-me então que não saísse do Estado de São Paulo sem visitar Campinas — o seu quartel geral, como êle rindo dizia. E, de facto, semanas depois, um telegrama avisava-o de que me levaria em missão de officio de visita ao Instituto Agronómico de Campinas — um modelo de organismo, célula viva do progresso agrícola do Estado e centro de cultura particularmente activo.

Monárquico embora — era liberal José Paulo da Câmara: Daquella liberalidade que todos os companheiros lhe sentiram. De modo que me foi esperar ao caminho, no riquíssimo automóvel da companhia onde o nosso patriótico era respeitadíssimo funcionário superior — e que é uma espécie de pequena Carris portuguesa. No seu riso alegre, José Paulo disse-me logo, enquanto me ajudava a saltar do comboio para o auto:

— O carro não é meu, pedi-o emprestado para si, mas a gasolina é minha. Está na sua casa, enquanto ficar em Campinas!

Quando cheguei, já tinha quarto reservado e o jantar à espera, no hotel. Não era o do «Pinheiros», o de José Paulo, e êle explicou por que:

— Come-se lá pior e os banheiros não são grande coisa. Vouê aqui fica melhor e eu cá virei consigo tomar as refeições.

E êle, que já era conhecido do hotel, não se consava de pedir:

Para a senhorinha, sardinha em lata no chors-d'œuvres. Garantia-me, então, José Paulo que valia a pena ir de Portugal ao Hotel Avenida de Campinas para comer o chors-d'œuvres, preparado pelo sr. Costa — e, enquanto embrulhava a sua saúde das coisas portuguesas em ditos de espírito, tinha sempre uma anedota amena para contar.

Uma vez — parece que estou a ver o José Paulo, forte, rosado, bem disposto! — contou-me en-

quanto cortava lasquinhas de presunto:

— Você não calcula! Quando cheguei ao Brasil, toda a gente entendeu que havia de me homenagear... com caldo verde e bacalhau cozido! Eram almoços e mais almoços, a que não faltavam os dois pratos nacionais. Simplesmente, eu nunca fui nacionalista. Nem no bacalhau nem no caldo verde...

José Paulo acompanhou-me, então, em todas as visitas que a profissão impunha e nessa sua gentileza havia como que estremecimentos de recordações do officio. O jornalista que tinha sido acordava nêle, quando ouvia e perguntava. Depois, levou-me aos jornais, apresentou-me aos amigos, para que eu fosse ao teatro ouvir calpiras a contar canedotas de português. Levou-me a casa dos compadres — um senhor Castelo Branco, sobrinho-neto de Camilo, que fez fortuna em Campinas a vender metros de pano. À noite, em casa de Castelo Branco, depois de ouvir a chora da saudades, na Emissora Nacional, José Paulo, feliz e satisfeito, cantou o «Rigoletto» e disse versos do Pal.

E, dois dias depois, quando me levava lá acima ao monumento dos mortos paulistanos, vencidos na campanha de 1936 — José Paulo, apontando-me a cidade jóvem, bulhosa e progressiva que se estendia a nossos pés, recordou uma frase de Amélia Rey-Colaço que poucos anos antes ali fóra com êle, pela segunda vez:

— A cidade parece um lenço de chita!

Tinham findado os três dias da minha presença em Campinas e a missão tinha acabado. Com a mala feita, pedi a conta do hotel mas o sr. D. José Paulo da Câmara já tinha pagos.

O homem monárquico, que não era nacionalista, continuava a ser liberal. E, enquanto me conduzia à estação, num adeus comovido de dois portugueses que se encontram em terra estranha e um parte, enquanto o outro fica — José Paulo apertou-me as mãos com fôga:

— Viu como eu vivo? Viu que trabalho, que leve vida honrada e sou respeitado por toda a gente? Pois houve quem dissesse o contrário em Portugal! Linguas ralhosas levantaram-me calúnias... Faça uma coisa, peço-lhe! sempre que possa, diga lá à nossa gente que eu trabalho para viver e vivo do que trabalho, sem precisar de quem o ganhe por mim!

Morreu há dias a mãe de D. José Paulo da Câmara — D. Eugénia Breynar da Câmara — e eu não sei que melhor homenagem prestar à sua memória do que esta de elogio a seu filho, vai para cinco anos, morto no Brasil. Desterrado voluntário, trabalhador — mais que nunca, que no Brasil e em São Paulo principalmente o português fez-se para o trabalho — boêmio de graça aristocrática, caldeada nas velhas «loças» das redacções, José Paulo da Câmara continuava a esbanjar dinheiro e talento com a magnanimidade de um príncipe perfeito. E eu — que o diga sem vaidade mas com saudade — fui o último dos camaradas que êle reviu no exílio e lhe recolheu as últimas palavras, como official do mesmo triste officio de escrever para as gazetas...

MANUELA DE AZEVEDO

“Mayonese” de lagosta...

O historiador sr. dr. Alfredo Pimenta contava, noutro dia, no *Diário de Notícias*, mais uma história — a história das lagostas. E preciso reconhecer e confessar que o episódio tem a sua gota de pitoresco. Foi o caso que, na interpretação de um documento antigo, um arabista afamado, o falecido prof. dr. David Lopes, ter-se-ia deixado arrastar pela simplicidade das aparências e traduziu uma expressão onde no mais vernáculo, desenfreado e conceituoso português deixou filtrar uma «nuvem de lagostas». Que fóra? Nem mais nem menos que um singular e inesperado percalço: servindo-se de texto porventura espanhol, as nuvens de «langostas» foram transformadas em nuvens de «lagostas», ao que parece tantas e tão densas que escureciam os ares... Quem viu já alguma vez tanta lagosta — e ainda por cima voadora?... A questão era outra. As nuvens eram, apenas, de gafanhotos, que têm a pouca sorte de se chamar «langostas» em espanhol e, daí, o equívoco — que mal se justifica, a não ser por uma infelicidade, em pessoa de tanto saber como foi o prof. David Lopes.

Eis a história contada, há dias, pelo sr. Alfredo Pimenta. Deve dizer-se, entretanto, que não é inédita. A descoberta do caso fica a dever-se a um investigador muito paciente e escrupuloso, o já falecido António Ferreira de Serpa, que a trouxe a público, em artigo com a sua assinatura, já há alguns anos. Mas valeu a pena reeditá-la.

Ferreira de Serpa era uma pessoa de muito interesse. Tinha sido cônsul, em Lisboa, de uma dúzia ou mais de repúblicas sul-americanas — e, de lhe saberem o direito ao uso de espadim e farda com dourados e galões, muitas pessoas humildes do sítio onde ele viveu dezenas de anos ficaram sempre a tratá-lo por «senhor comandante».

Mas isso não o aquecia nem o arrefecia. Sózinho de família, longe da terra onde nascera — era da Horta — refugiara-se num misantropismo entristecido, que só os seus estudos, os seus livros, os seus papéis e uma grande variedade de animais domésticos ligeiramente quebravam. Os seus estudos — sim. Era um investigador. Mais que isso: um autêntico bisbilhoteiro dos arquivos. E é próprio um arquivo opulentíssimo. Não sabemos se tinha ou não organizado fichas escritas de quantoapurara em seu contínuo labor, mas de memória era um arquivo falado. Tinha histórias de tudo e de todos. E escrevia com um misto de erudição e de ironia quase sempre contundente... Tinha — a justiça tem que registar todos os pormenores — certos alvos predilectos. E algumas vezes se mostrou particularmente duro quando tinha de referir-se a certos nomes. Por exemplo: Ricardo Jorge, Joaquim Bensaúde e Alfredo Pimenta mereciam-lhe repetidos e intensos ataques. Talvez nem sempre fosse absolutamente justo, mas sempre se mostrava largamente documentado.

Quando Ferreira de Serpa faleceu — em Julho de 1939 — o Ministério da Educação Nacional mandou que se constituísse uma comissão incumbida de velar pelo interesse dos papéis por ele deixados. Muitos eram — e muitos, decerto, de tão grande curiosidade e valia que continua ainda hoje a tarefa do seu arranjo e ordenação.

Nem sempre os sábios são pessoas famosas e afamadas. Também os há assim, como este foi em vida: silencioso e metido consigo. Quando se não metia com os outros, claro...

JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS



FALA-SE ESTA SEMANA

CRISTIANO LIMA

Este bom trabalhador dos jornais não é só crítico teatral e comentador internacional: também escreve para os leitores de ficções — e quando o faz, sabe fazê-lo. A sua tradução de «Contos búrgaros», de autores desconhecidos entre nós mas que bem mereciam esta divulgação — é o trabalho honesto de um homem inteligente. Cristiano Lima, de facto, soube dar-nos um sentido exacto da expressão local e pura poesia humana, através de uma tradução impecável de elegância.

DR. SOUSA GOMES

O dr. Sousa Gomes, médico distinto, é também um oficial de todo o mérito e que acaba de ser promovido a major.

Escritor de fina tempera, jornalista do maior interesse que o público aprecia e gosta de ler, o dr. Sousa Gomes algumas vezes tem prestado a sua brilhante colaboração à nossa revista. É justo que nos alegremos com a sua nomeação e o cumprimentemos afectuosamente.

DR. ALMERINDO LESSA

Eis um médico que é um escritor de larga envergadura. A sua galeria de trabalhos é já vasta e bem se pode dizer que constituem das melhores

contribuições para a formação de uma melhor sociedade. O seu último trabalho, trazido para a primeira fila das livrarias, é «Política sexual», um livro que atinge agora uma excelente 2.ª edição — a melhor afirmação do valor da obra.

UMA CONFERÊNCIA NEGATIVA

QUEM era Homero? A pergunta tem atravessado os séculos — e os gregos, primeiros interessados, não conseguiram descobrir a ponta enigmática do mistério feito de lenda e verdade. Pois foi cá da nossa terra, d'este recanto longínquo por onde talvez Homero tenha passado a sua cequeira, que Almada Negreiros, servindo-se do «Larousse» e do seu magnífico espírito dedutivo, interpretativo e de artista, conseguiu descobrir a identidade do poeta-filósofo. A sua conferência, no «Diário de Notícias», e com a presença de individualidades de responsabilidade nas letras, foi um acontecimento de relevo. Almada Negreiros falou durante duas horas — a conferência foi repetida no meio, com licença para a assistência fumar um cigarro — na sua elegante expressão verbal a que se faltaram, naturalmente, realidades, sobraram, todavia, dotes de espírito e de inteligência cintilantes.

OS INTANGÍVEIS

Ihomem, na luta pela vida, ou seja no puxar da brasa à sua sardinha, perdeu muito das suas qualidades inatas, das suas tendências naturais para a convivência associativa. E, talvez mesmo porque teve de se associar — dissociou-se, tornou-se menos humano, menos tolerante e mais egocêntrico. Ele, naturalmente, evoluiu assim com lentidão, com a lentidão com que se operam pelo menos, as grandes transformações da crosta da terra. E porque sofreu, muitas vezes, a incompreensão e a injustiça do semelhante, construiu o seu mundo interior de compensações, tornou-se auto-crítico e gritou aos quatro ventos:

— Eu sou um grande talento! Mas, como aos olhos dos pais, raras vezes são felizes os seus filhos — ele passou muitas vezes a julgar-se mal. A balança da razão continuou, assim, desafiada, porque o homem que se não conhece começa a incensar-se, a divinizar-se, a julgar-se superior ao que é — e aí daqueles que fôrem honestamente contra a opinião que formam de si próprios! Julgam-se intangíveis, julgam-se inercitáveis, estabelecem um poder reinante divino para eles e diabólico para os outros — e chegam a mandar o seu sopapo a quem ousa discordar do seu valor...

Nas letras, nas ciências, nas artes, na política, os homens insignificantes nunca admitiram a crítica — sempre que viram que ela os podia prejudicar — sempre que sentiram que tinham e por onde se lhes pegara.

Na nossa terra, onde a mediocridade cria facilmente potentados de meia-tijela, os homens de verdadeiro talento recolhem-se à sombra da sua simplicidade e da modestia. Em compensação, os trabalhos ócios pulsam por aí enfatuados, senhores de uma falsa aura e de mais falso valor — quantas vezes! — certos de que são intangíveis e invulneráveis. Sucede, porém, que às vezes os que os ouvem, lêem ou vêem resolvem ter o gesto misericordioso e inofensivo de lhes pôr um espelho diante dos olhos. E, então, chamam-lhes a atenção para os defeitos próprios. Os intangíveis, naturalmente, dão por paus e por pedras — desatam a viciferar, gritam, ameaçam, como se a crítica honesta não fosse direito de todo o cidadão livre e honesto.

Temos, portanto, uma formação mental e psicológica má, que cada um de nós deve fazer por corrigir. A dignidade, o respeito que o esforço de cada um de nós merece, porque é humano, não devem ser postos em dúvida. Mas daí a considerarmos-nos intangíveis dentro do egocentrismo que criamos porque os outros muitas vezes, com a sua tolerância, no-lo estimularam — isso é que nos parece menos justo e menos humano.

Façamos como quisermos ou pudermos — mas admitamos a crítica às nossas acções ou ao nosso labor, seja ele intelectual ou material. O que não está certo é que todos ou mesmo alguns se julguem indiscutíveis, só porque numa terra de egos os deixaram fingir que tinham um olho... para ver o que até só a sua ralvinha consegue distinguir. Porque, há senhores, dêsse que se julgam intangíveis, que até conseguem ver aquilo que não existe. E, assim, por exemplo, se o atingido é monarquista e o criticante não navega nas mesmas águas aqui t'êl-pêl, que falou, porque é comunista.

Todos se lembram de que há anos, quando a demagogia abria os gúelas pela cidade fora, se havia alguém que ousava discordar ou criticar os intangíveis — porque os houve em todos os tempos — o cidadão criticante era acalmado de talassa. Discordar era ser reacçãoário, retrógrado, conservador — talassa, enfim. Hoje, dá-se o contrário: discordar — é ser revolucionário, avançado — comunista.

Como se vê, para certos senhores, dêsse que a si próprios se consideram génios e intangíveis — os tempos não mudaram. As palavras é que são outras.

Armando Lucena, fala da Arte em Portugal



ARMANDO Lucena é um dos pintores que na nossa terra mais se tem preocupado com a arte para as camadas populares. Em conferências, em visitas culturais, em cursos livres, Armando Lucena está sempre presente, com o melhor da sua inteligência e talento.

— Algumas das pessoas que me conhecem ou que me conheceram como pintor — diz-nos, com um sorriso — pensam talvez que perdi a minha posição de paisagista por actualmente desenvolver a minha actividade no culto das letras, quer na imprensa, quer no livro ou em palestras na divulgação das coisas de arte. Todavia, isto não é novo em mim. Ainda estudante na Escola de Belas Artes, de volta com as tintas e com a tela, sentia, de quando em quando, a necessidade irresistível das letras, da abstracção das idéias e de comunicar pela palavra o que não era capaz de fazer com o branco de prata nem com o verde-esmeralda da minha paleta tão rebelde para as regras, como avessa à cópia de modelos.

— Quere dizer: pintura e literatura?

— Exactamente. Fiz muitas novelas ilustradas por mim, num semanário que meu pai dirigia.

— E êxitos?

— Não, acredito. Devia ser eu o único leitor assíduo...

E depois de uma pausa:

— Um dia, fui convidado a fazer uma conferência numa Associação Académica. Aceitei, lisonjeado. O tema seria escolhido de sentido artístico. Tinha, então, 18 anos. Pois sabe que título arranjei para o meu trabalho? «Platão na arte e na amora». Nem que me dessem todo o ouro deste mundo me atreveria hoje a uma coisa destas.

— E onde foi feita?

— No salão do Ateneu. Completamente cheto, não calcula. Uma audácia da mocidade.

O ilustre pintor faz nova pausa. Nos seus olhos há um clarão de saúde. Tempos passados, distantes, que se esfumam ao longe. Era preciso, porém, falar do presente.

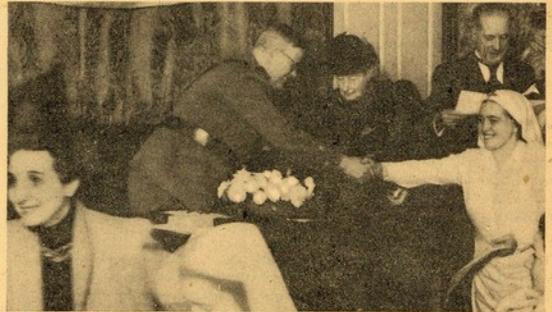
— Que acha do interesse do público pela cultura artística?

— Na realidade, há uma acentuada melhoria. Eu tenho notado consideravelmente! A cultura artística vai seguindo um trilho novo. Quando há três anos iniciei na Sociedade das Belas Artes uma série de lições sobre a História da Arte, cheguei a ter inscritos trezentos e tantos ouvintes, que mais ou menos me acompanharam até ao fim do ciclo. Nos anos seguintes, manteve-se o mesmo entusiasmo.

— E os resultados?

— Bem vê, satisfatórios! Não tem outro intuito que desenvolver o gosto artístico — e pôr em revêlo o valor e a extensão do fóro artístico da nossa terra. Pode dizer-se que há sempre público para êstes assuntos. Confesso que nunca êle me faltou nas palestras e nas visitas a monumentos, quer sejam promovidas pela secção de turismo do S. P. N., pela «Hora de Artes», pelos Amigos de Lisboa, pelos centros da Mocidade Portuguesa ou pela Sociedade Nacional de Belas Artes; e, por isso, cada vez mais me convenceo de que os problemas de arte interessam, como nunca interessaram, à gente portuguesa.

NOTAS RÁPIDAS



A Cruz Vermelha mantém no Pôrto os seus serviços exemplares. Recentemente, concluíram o curso e o estágio de enfermeiras algumas dezenas de senhoras da melhor sociedade portuense. A entrega de diplomas foi pretexto para uma expressiva sessão, de que damos uma imagem.



1.º de Janeiro, primeiro dia do ano. O protocolo manda que os governos acreditados em cada país, apresentem cumprimentos aos chefes de Estado. Aqui vemos o sr. Conde de Tovar, ministro de Portugal em Berlim, quando se inscrevia, na Chancelaria do Reich, para apresentar cumprimentos a Adolfo Hitler.



A exposição de arte espanhola, bela lição de arte dos nossos amigos espanhóis, repetiu-se no Pôrto, no Museu Soares dos Reis. Repetiu-se a exposição e repetiu-se o êxito de Lisboa, como muito bem afirmou o sr. dr. Aarão de Lacerda, director da Escola de Belas Artes do Pôrto.



Sousa Martins, um dos médicos mais notáveis do nosso tempo, foi há dias evocado numa conferência do professor sr. dr. Fernando Emídio da Silva, êle próprio homem de ciência de grande significação mental e intelectual. A sua conferência na Sociedade de Geografia foi uma alta mensagem de pensamento e expressão literária, ao evocar «Sousa Martins, grande senhor do seu tempo».

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS



Desde há dias, o sr. professor dr. Azevedo Neves é presidente empossado da Academia das Ciências de Lisboa que, assim, foi ocupar o cargo desempenhado pelo sr. dr. Júlio Dantas. A sessão do empossamento, que foi plenária e luzida, teve ainda como motivo especial de referência, os votos de congratulação expressos por aquela douta instituição, a propósito da assinatura da convenção ortográfica luso-brasileira.

NO RASTO DAS ESTRÉLAS

TODOS os que nos lêem conhecem já, certamente, as circunstâncias em que foi descoberta «a menina da Rádio». Maria Eugénia deve o êxito exclusivamente às qualidades afirmadas e àquêle mínimo de audiência que constitue ter apresentado a sua candidatura para um pequeno papel.

Do êxito de Maria Eugénia podem as raparigas portuguesas tirar uma conclusão: todas dispõem das mesmas possibilidades para tentar a sorte. E esta só será ditada pelo valor que afirmarem, quando chegar à altura de prestar as suas provas. As influências, os empenhos, as pressões não contam perante as realidades da tela branca. Pela mesma razão que as transigências e as condescendências, tão vulgares noutros quadros artísticos, são armas ineficazes para obter um lugar ou conquistar uma posição.

O cinema é uma pedra de toque que revela, instantaneamente, a moeda falsa. Atradas para a tela, num «test» de imagem e som, só triunfam as que podem triunfar — porque as outras, as que têm mais pretensões do que qualidades, sossobram desastrosamente.

A escolha da «Menina da Rádio» foi laboriosa e difícil. Experimentaram-se dezenas de raparigas, muitas delas com nomes feitos, com talento e personalidade afirmados no cinema e na Rádio. E, no entanto, as suas provas não resultaram. Quando se foi buscar Maria Eugénia à sua casinha singela, num bairro excêntrico da cidade, ela era totalmente desconhecida das pessoas com quem teve que tratar. Apresentou-se com uma vontade decidida de vencer — confiando em si própria, até onde uma rapariga pode confiar.

De um momento para o outro, viu-se elevada do anonimato da sua existência burguesa para um papel disputado por vedetas feitas — e com o qual sonhavam centenas de raparigas em Portugal. Chegou na hora própria, quando os produtores, desanimados, esbarravam com dificuldades, preconceitos, desconfianças e rotinas para designar a sua eleita.

O êxito de Maria Eugénia traz a todas as raparigas esta mensagem consoladora: tentem, para a próxima vez, porque nada as impede de triunfar!

O cinema português precisava de conquistar a confiança de todas as que não acoerrem, com temores infundados. Porque carece, com efeito, do auxílio, da colaboração, da mocidade das «meninas da Rádio» que estão incubadas na nossa terra! E parece-nos de que tudo o que fizesse seria menos convincente do que escolhendo Maria Eugénia para o mais ambicionado e discutido papel do cinema português.

FERNANDO FRAGOSO



Lynn Bari, uma lindíssima artista, que só agora sobe a primeiro plano num filme de que é a principal intérprete: «A Ponte de S. Luis Reis».

UM FILME SOBRE MARQUÊS DE POMBAL OUTRO SOBRE GERALDO, SEM PAVOR

OU AS SENSACIONAIS REVELAÇÕES DO «SENHOR IX», O HOMEM MAIS BEM INFORMADO DO CINEMA PORTUGUÊS

É uma pessoa geralmente tida por bem informada. Frequenta os cafés, sobe aos escritórios das firmas distribuidoras, anda no segredo dos negócios da produção — tudo sabe, tudo ouve e tudo vê. Chamemos-lhe, para simplificar, o senhor X.

Acabava de despedir-se de um realizador muito conhecido quando o abordámos:

— Muitos sonhos, muitos projectos — mas, por ora, é tudo segredo!

— Mas, então — insistimos — não se pode dizer nada?

— Aquilo que todos sabem: Pensa-se seriamente em fazer dois novos filmes! Um sobre o Marquês de Pombal, outro sobre Geraldo, sem Pavor!

— Bravo! O cinema português atacaria, assim, dois temas dignos de Hollywood.

— É como lhe digo! Mas não me pergunte mais nada, pois até agora nada mais sei...

— Mas quanto ao terramoto de 1755? Seria reconstituído?!

— Por mim, penso que não é possível fazer um filme sobre o Marquês de Pombal sem o terramoto...

— Mas...

— Não me pergunte mais nada. E quanto a Leitão de Barros? O que há sobre a «Inês de Castro»?

— Consta-me que as negociações levadas a cabo em Espanha correm a mil maravilhas. E diz-se que Heinrich Gartner, que fotografou «Gado Bravo» e «As Pupilas do Senhor Relator», virá, dentro em breve, a Portugal, para filmar exteriores em Alcobaca e, bem assim, o «Torneio Medieval».

— O «Torneio Medieval»?!

— Pela sua cara, parece que estou a falar chinês! Toda a gente sabe que vai reconstituir-se um «Torneio Medieval», no Pôrto, e que, durante o mesmo, se registarão imagens para «Inês de Castro».

— E quanto ao «Mistério da Estrada de Sintra»?

— Lopes Ribeiro declarou à imprensa espanhola que tem um compromisso com a Império Argentina para interpretar aquêle filme. Mas isto, repito, não é novidade para ninguém...

— Perdão! Sabe o meu amigo, porque é uma pessoa bem informada...

O senhor X sorriu, satisfeito, e retomou a conversa:

— Por tal sinal que se põem em dúvida certas afirmações da Império Argentina exaradas na «Vida Mundial Ilustrada», o que acho estranho...

— Porquê?!

— Porque se de mentiras ou exageros se tratasse, era muito natural que a Império Argentina solicitasse ou até exigisse uma rectificação.

— E quanto ao filme de Nazaré Felício e do Gregório Garcia? Há quem tenha posto em dúvida o que aqui escrevemos...

— Pois olhe, eu acredito. E por uma razão simples: O apoderado do famoso «diestro» chegou no «Serpa Pintos»! Gregório Garcia é esperado dentro de meses. E se ele vier — nada haverá que impeça a realização do filme.

Pasmámos com as informações do senhor X! E, para o experimentar, insistimos:

— E quanto ao filme «Pescadores», de Artur Duarte?

— É muito possível que fique para o ano.

— Que me diz?!

— Faça contas, meu amigo. As filmagens da «Menina da Rádio» começam no fim do mês. Antes de Abril, Artur Duarte não poderá abandonar a película — isto se não fizer a montagem. Porque, de contrário, prendê-lo-á até mais tarde. Entretanto, os bacalhoeiros partirão para a Terra Nova... O que não quer dizer, evidentemente, que o Duarte não consiga

harmonizar as coisas. Nestes assuntos de cinema, êle, às vezes, faz milagres...

— E quanto à produção nacional, na generalidade?

— Isso, meu amigo, fica para outro dia. Tenho que colher umas informações mais precisas. Porque é bom sublinhar: eu não sou boateiro. E tudo quanto lhe disse, se não é a verdade nua e crua, é, pelo menos, a verdade vestida pelo último figurino da fantasia dos nossos cineastas e dos nossos produtores...

A irmã da «Menina da Rádio» também vai fazer cinema

CHAMA-SE Maria Antonieta e tem catorze anos. Menos os dois do que a irmã, Maria Eugénia, a «Menina da Rádio». Como ela, também sonha com a possibilidade de entrar num filme! E se está radiante com o êxito da mana mais velha, sente, agora que o cinema entrou na família, desejos maiores de tentar também a sua «chance» nos estúdios.

Quando Maria Eugénia recebeu a imprensa, no «foyer» do São Luiz, talvez ninguém tenha reparado nela. Mas os seus olhos brilhavam com uma luz mais viva e um rubor de contentamento espelhava-se na face.

Maria Eugénia — na sua primeira hora triunfal — não se esqueceu da irmã. E no círculo simpático e amigo de todos os artistas, entre os quais se contavam Maria Matos, António Silva, Teresa Casal, Manuel Santos Carvalho, Maria da Graça, Maria Gabriela e tantos outros; mal extintos ainda os ecos dos cumprimentos e das palavras de incentivo — Maria Eugénia pediu que dessem um papel à irmã, ainda que fôsse pequenino.

Artur Duarte tomou na devida conta o primeiro pedido da sua nova estrela. E pode dizer-se desde já que Maria Antonieta, a irmã da «Menina da Rádio», aparecerá também naquela película, ainda que seja só para não estar ausente na obra que vai consagrar as reais qualidades afirmadas pela sua irmã!

A CIDADE E AS SERRAS

em filme, no centenário de Eça de Queiroz?

DENTRO de pouco tempo, Portugal vai comemorar o primeiro centenário de Eça de Queiroz. E o cinema, ao que parece, será associado oficialmente às comemorações, uma vez que se pensa, com tal intenção, realizar «A Cidade e as Serras», obra-prima do famoso romancista, onde se canta a graça e a beleza das aldeias de Portugal, e se exalta a simplicidade e o encanto da terra portuguesa.

Fazendo votos porque tal projecto se torne realidade, esperamos que o filme esteja para o cinema nacional, como a obra de Eça de Queiroz para as letras pátrias.

24 HORAS DE UMA "ESTRÊLA" DO CINEMA PORTUGUÊS

ERA uma — ficaram duas. Já não é só uma Menina da Rádio: agora são duas — Maria Eugénia e a irmã, Maria Antonieta. Moram ambas com seus pais ali para os lados da rua Barão Sabrosa — e a sua casinha num 2.º andar cheio de luz e de sol, virada para os hortejos, parece uma condessinha suspensa sobre o espaço. Maria Eugénia é uma mimosa flor — lembra a Deanna Durbin, nos primeiros anos da sua carreira — que se educou como tôdas as meninas-família. E, além de muitas outras prendas já mencionadas, tem muitas outras que vão sendo raras nos dias que vão correndo: sabe ser dona de casa...

Quando lhe perguntamos se ela andou a «treinar-se» para casar e ser uma excellentíssima mamã, Maria Eugénia ri muito, infantilmente:

— Não, senhor! Aprendi a ser dona de casa, porque tinha um dedinho que adivinhava que eu havia de fazer a «Menina da Rádio»... Não sabe que eu no filme até tenho que fazer doce de genjira? Por sinal que o entorno por cima do homem que há-de fazer-me estrêla da rádio...

Nós não queremos, porém, entrevistar Maria Eugénia. Que sabe ela da vida e do cinema que possa interessar os senhores que lêem jornais? Vive feliz, doida de alegria, a correr para as modistas — o «Último Figurino» já lhe ofereceu uma linda «toilette» — a pensar na «maquillage», a gozar esta grande alegria de ser vedeta de cinema, quando nem podia já sonhar com um pequeno papel!

Agora, a sua casa é uma Terra de Promissão. Todos a visitam, chovem as cartas, os telefonemas, os telegramas. No Bairro da Lapa, onde Maria Eugénia viveu e se educou, todo o mundo anda doido de alegria. E os companheiros de escola acorrem em comissão ou isolados para a felicitar. Nos últimos dias, as garrafas de vinho do Pôrto não têm chegado para as encomendas...

Entretanto, a graciosa nova pequena vedeta continua a sua vida simples de menina-família. E, sempre que os seus novos afazeres de vedeta lho permitem, continua a pontear as meias e a vigiar os cozinhados...

O nosso fotógrafo, indiscreto como todos os fotógrafos, foi hoje a casa de Maria Eugénia e conseguiu fazer esta série de fotos indiscretas. E fomos nós que, como uma mensagem alegre, dissemos a Maria Antonieta:

— Sabe que sempre vai entrar no filme, ao lado de sua irmã?

Ela nem queria acreditar na boa nova — mas, pressurosa, lá foi ao espelho compor os caracóis, para ficar ao lado da irmã, como futura vedeta.

Maria Eugénia tem uma linda voz. Já sabe a canção com que há-de triunfar na «Menina da Rádio» mas tem muita pena de não cantar qualquer coisa como o «Danúbio Azul» ou uma dessas lindas canções que lançaram a Deanna...

Entretanto, vai estudando o papel. Tem que decorar a parte que lhe cabe nos diálogos e não tem tempo a perder. Quando lhe dissemos que a Maria Antonieta ia também filmar, ficou imensamente satisfeita. E achou de justiça que lhe dessem um papel. E ela que está a ajudá-la a estudar os papéis, contracenando com ela. Ainda quando o outro dia Artur Duarte lhe deu um pequeno «test», foi com Maria Antonieta que a «Menina da Rádio» ensaiou o papel que cabia ao realizador do «Costa do Castelo».

E, agora, ei-las, são duas, cheias de entusiasmo e de boa vontade, a sonhar com «estrêlas», com as luzes do estúdio... e talvez com um marido...

Também, como no filme, ela gostou sempre de ouvir as outras meninas da rádio. Mas a «Mas-cote» parece que não é da mesma opinião...

Maria Eugénia suspende as «operações»: «Como hei-de dizer «Meu amor»? Oh! as atribulações de uma «vedeta!»



Logo pela manhã, Maria Eugénia, que sonhou com as «estrêlas», acorda a pensar no papel...



Pela manhã, há sempre uma hora de estudo com o pai, que é violinista...



Como no filme, também na realidade sabe fazer guloseimas. Pudera, vê-se logo que é gulosa!

Depois, pela tarde, sob o sol raaioso suspenso do espaço, Maria Eugénia com a mãe e a irmã ocupam-se dos bordados e da costura.



**SENHOR "FRANÇUÁ"
ESTÁ NA HORA!**

FEZ RIR MEIO MUNDO E TRABALHA HA 50 ANOS!

UMA REPORTAGEM DE MANUEL MARTINHO

AS bilheteiras já estão fechadas, com o clássico letreiro: lotação esgotada. Cá fora, na rua, no meio duma diabólica algazara, os contratadores vendem, repuxando os preços, os últimos bilhetes. Grandes cartazes foram postos nas esquinas das ruas da cidade. São vermelhos, berrantes, e trazem, a negro, em grandes parangonas, a «mulher mistério» que é enterrada viva durante oito dias.

Curiosos, embasbacados, sorriem diante do audacioso réclamo e, lá com os botões, vão comentando que a aldrabice é bem achada. No fundo, porém, há uma forte curiosidade que os espicaça: como será aquilo?

E remiram o programa. Acrobatas em vôos mortais desprendem-se, de troncos nus, da abóbada; uma raparigueta, quasi criança, deita lume pela bôca; os rostos grotescos dos palhaços, enfarinhados, têm um ar infantil que diverte. São nove horas. O espectáculo vai começar. Uma agitação alegre, de entusiasmo, percorre a vasta sala. A garotada, chilreando, bate palmas, exige os palhaços. Já os músicos, de bochechas inchadas, assopram os instrumentos, numa marcha alegre. Da geral, alguns desgravatados atiram pontas de cigarros — e a plateia, mais aburguesada, protesta. Há assobios. Rapazes alegres chamam pelos conhecidos, aos berros. E, no meio desta desordenada calma, faz-se silêncio absoluto.

Alguém aparece no palco. Dão-lhe palmas. Da geral, sempre barulhenta, gritam: é o «Françuá!» «Françuá!»

Ele, sempre sorrindo, abre os braços, leva-os à altura da cabeça e estreita as mãos, como se quisesse abraçar, naquele amplexo, tôda a assistência — que ele conhece, geração sobre geração, há mais de cinquenta anos.

Traz uma casaca negra, impecável, o cabelo lustroso, o laço branco cerimonioso e a cara avermelhada de côr; na alvura do peitilho alveja uma pérola.

França vai falar!

O momento é tão soleníssimo, como o de qualquer sessão solene. Deixa de se ouvir o batuque dos pés que se rememem de impaciência. E a sua voz clara e forte ressoa por tôda a sala: — «Meus senhores, tenho a honra de lhes apresentar o célebre ventríloquo qualquer coisa, único em todo o mundo, que imita a voz dum leão enraivecido e duma donzela apaixonada...»

E o espectáculo começa. O público delira. Vêm as pulgas adestradas, as focas que comem à mesa, o anão que se esconde dentro duma gaveta — e o ilusionista que atrasa os relógios. Todo o mundo de habilidades desliza por aquêle palco. São mulheres belas, de musculatura, que dançam no arame; equilibristas que sustentam na ponta do nariz o mais inverosímil dos objectos — e tudo com uma perfeição de deixar de bôca aberta os mais exigentes. Vêm chineses, dois americanos, um espanhol do Conde Barão, raparigas polacas, que se baptizaram no Pôrto, leões ferozes, domesticados à força de chicote. Depois, um curto intervalo.

Os parodistas musicais vão entretendo a assistência — e França aparece novamente, a encher a cena de alegria. Ele sózinho é uma companhia. Começou, ainda catraio, a trabalhar. Com «troupes» que organizava, batia Portugal inteiro em «tournées» que ficaram famosas. Tudo sabia. Nasceria para o circo — e o circo fôra sempre a sua vida. Nós, na vida, somos artistas de circo. Todos fazem equilíbrios no orçamento minguido — e a existência tem veredas, tão difíceis de atravessar, como qualquer arame onde é preciso pôr os pés, sem cair. Francisco França — sr. François, o «regisseur» — divertiu três ou quatro gerações. Há cinquenta anos que trabalha no circo. Podia a vida não lhe sorrir, as apoquentações minarem-lhe o íntimo — mas o que ele nunca deixava era de sorrir, de levar com o seu bom humor a alegria comunicativa a uma assistência que ia ao Coliseu para estoirar o cós das calças.

Foi palhaço, trabalhou com o seu chimpanzé, o inteligente August — que saudosamente relembra com uma lágrima nos olhos — e apre-

sentou, no Coliseu, as mais célebres companhias que têm vindo ao nosso país. Artista consciencioso e honesto, correu, também, o estrangeiro. Em França fêz sucesso, trabalhando nos melhores circos. É que Francis França sabia, duma forma popular, atrair o público. Nunca ninguém lhe regateou elogios — e muitas das flores que, durante a noite, ofereciam aos artistas, éstes, gratos à gentileza e ao cavalheirismo de França, enchiam o camarim do velho artista com as pétalas dum triunfo que ele já não podia colher em cena.

* * *

O espectáculo vai começar. A música, estridente e ruídosa, ataca um «paso-doble», todo sevilhano de «olés». A rapaziada da geral atira as cascas de tremoços com que enchera as algibeiras. Apagam-se as luzes. Fica na pista uma penumbra, apenas brilha a ribalta. França vem à pista, novamente. Dão-lhe palmas clamorosas. E a sua voz cantante, onde há uma pronúncia bem arranjada duma miscelânea, de línguas, anuncia os números que se vão seguir.

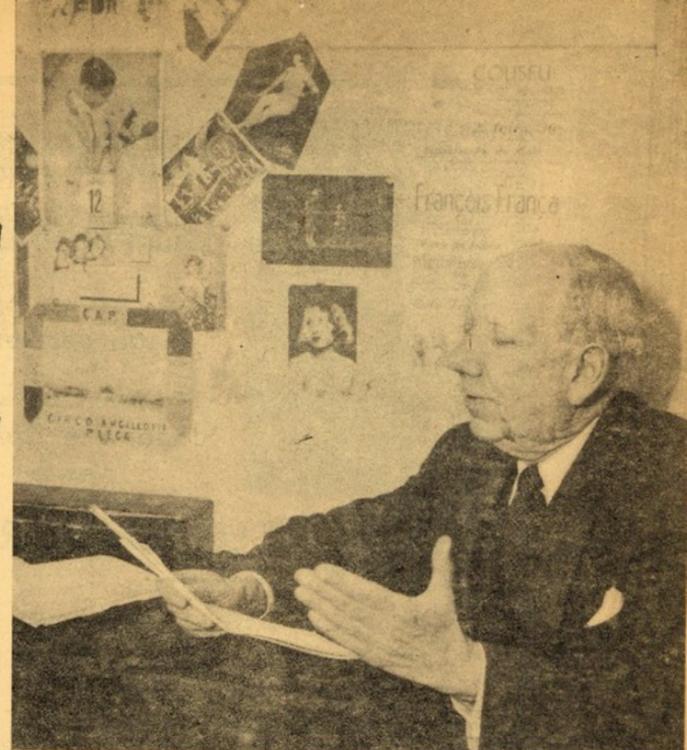
Mas, pela esquerda, coxeando, o fato rebrilhando lantejoulas, um côco branco na cabeça, um palhaço começa num grande bérreiro, a interpelar:

«Ai, senhor França! Ai, senhor França! Grande desgraça me estivera ontem para me acontecer e me aconteceu hoje...»

A assistência rebola-se. E o velho «regisseur» da pista, daquela pista onde, afinal, em cinquenta anos, a sua vida se tem passado, inventa também uma história. É preciso distrair o público, contar-lhe qualquer coisa. Ele não vai ali para outra coisa. França sabe-o bem. Sobre-tudo é sua obrigação fazer com que tôdas aquelas crianças — as grandes e as pequenas — dêem gargalhadas.

E Francis França fêz rir muitas gerações.

Hoje, com cinquenta anos de trabalho, o senhor «Françuá», como lhe chama o público sincero da geral, está ainda no palco. A sua casaca negra, impecável, o seu porte altivo, o seu peitilho branco, resplandecem, iluminados pela luz da ribalta — e, no meio do silêncio que se faz à sua entrada no palco, há uma grande orquestra de gargalhadas, que, em dezenas de anos, ele soube provocar...



O sr. François, numa «pose» para a nossa revista, evoca a sua carreira de arte na sua casinha do Poço do Borratem, onde tudo são recordações e saudades...



August, o chimpanzé que pertenceu a França e foi o encanto duma geração.



Em 1881. França chegou a Lisboa. Ainda não pensava no circo, mas já gostava dos cavalinhos da feira...

Aqui está François com a sua famosa «troupe», que fêz sucesso em França. Já lá vão tantos anos... que saudades velbo França!...

Dois «clowns»: François e Pujol. O circo Maertrick, em Braga, há quarenta e três anos esgotava as lotações.



Um caso sério. François ficou surpreendido com a entrada d'êste novo personagem que lhe surgiu pela esquerda.

A plateia vai delirar com esta «charla». O «faz-tudo» quer intrujar o palhaço.



Recusado por 3 editores!
Consagrado pelo público!

Um romance da vida lisboeta

Dinâmico, verdadeiro e apaixonante

NÃO É UM LIVRO IMORAL!

Estão à venda os últimos exemplares do 3.º milhar

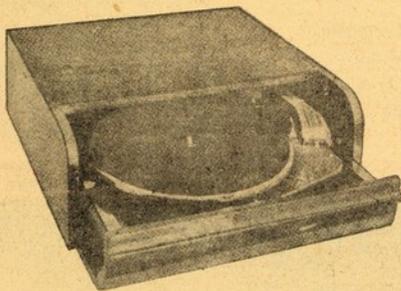
Uma grande edição que está a esgotar-se, batendo todos os «records»

Pedidos à

LIVRARIA PORTUGAL LISBOA

DISCOFONES

Para reprodução de discos em aparelhos de rádio



Completo, com motor eléctrico e pick-up desde Esc. 880\$00

Modelos com mudança automática de 8 discos.

Est. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviam grátis catálogos descritivos

Composição e impressão: Bertrãmbi (Irmãos), Lda. — T. Condiesta do Rio, 27 — LISBOA

Contraste e analogias de expressões

Por Clotilde Randi

O nosso organismo reage, às vezes, de modo semelhante para estados psicológicos diferentes. Da mesma forma, um sinal grafológico não diz, necessariamente, um único traço do carácter. Nada se parece tanto com a acção de chorar como o riso em voz baixa. Tantas vezes a exteriorização de uma dessas emoções induz-nos no convencimento de estarmos em presença da outra. Contudo, o riso e o choro correspondem a sentimentos bem opostos.

Mais — estas duas expressões podem ser semelhantes. Se fizermos cócegas a um bebé quando ele chora inconsolável o arrebatamento de qualquer objecto que o entrem, logo ele deixa de soluçar. E se cairmos em situação ridícula, então vê-lo-emos chorar e rir ao mesmo tempo.

Há pois uma certa relação entre as exteriorizações do soluço e do riso, não obstante o contraste dos sentimentos a que correspondem.

Em certos casos, as expressões manifestadas referem-se a paixões ou a estados de alma diferentes ou mesmo contrários aos normalmente representados. A calma do sono parece-se com a da morte; o suspiro de alegria lembra o da tristeza; a alegria provoca às vezes o choro; a mágoa profunda pode gerar uma reacção de riso convulsivo. Recordo que uma das sensações mais desagradáveis que experimentei me foi causada pelo grito de alegria dum repariga quando em conversa com outras. E que esse grito estridente souo aos meus ouvidos como o brado arrepiante soltado por uma peiza atropelada ante os meus olhos.

Ensina-nos a anatomia que certos músculos comandam as funções mais diversas — e até contrárias. Também na grafologia psicológica se encontra grande número de sinais cuja significação pode definir caracteres análogos ou de contrastes flagrantemente cujo valor é preciso saber interpretar.

CONSULTÓRIO (RESPOSTAS)

XXX — A não ser um mau aprendiz de caligrafia com muita pretensão nada mais de importante lhe podemos dizer. Se deseja informações exactas da sua pessoa — psicológica — envie-nos a sua escrita tal qual é. Quando consulta o médico não lhe fala verdade?

MIKO — Bom rapaz, brincalhão, sociável, vaidoso, contraditor — mas tudo passa com a idade.

ELEANOX — Notamos-lhe especialmente grande emotividade e timidez com fugas de rebeldia agressiva. Actividade diminuída. Egoísmo e sociabilidade mediocres. É enfim uma pessoa interessante sobretudo — quando o conhecer de perto.

SABE RESPONDER?

(Continuação da pág. 7)

1 — Mathus; 2 — a palavra vóa, o escrito fica; 3 — o maior bailarino do mundo; 4 — 1755; 5 — D. Urraca; 6 — no Algarve, próximo de Estol; 7 — escritor; 8 — sicuta; 9 — com uma lanterna na mão; 10 — eléctrica; serve para medir a intensidade de uma corrente.

TÃO CERTO COMO 1 E 2 SEREM 3

Torná-lo-emos rápida e economicamente Guardalivros se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos gratis a:

INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMERCIO

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12, 1.º PORTO

N. E. — Não nos remeta dinheiro para sió:

Quando os estudantes faziam greves!...

(Continuação da pág. 2)

Surgiram outros aderentes de valor e alguns nomes de estudantes começaram a aurrear-se de fama, tais como Bissala Barreto, Leonardo Coimbra, Augusto Verol, Henrique Forjaz e muitos outros. O lente da Escola Médica do Porto, dr. Alfredo de Magalhães, colocou-se, também, ao lado dos manifestantes.

Todo o país vivia sob a emoção intensa dessa grande guerra académica, iniciada pelo espirito de solidariedade a um colega injustamente reprovado.

Mas o Governo não cedia. E então, como prova de força, resolveu-se castigar com dois anos de expulsão Campos Lima, Carlos Olavo e Ramada Curto, os três grévistas académicos mais em evidência. Pinto Quartim, Alberto Xavier, Pinho Ferreira e Gonçalves Prêto, foram também, expulsos por um ano.

Levantou-se um clamor imenso. Bernardino Machado, lente da Universidade, declarou-se ao lado dos estudantes. A razão estava com eles! Isso valeu-lhe a instauração dum processo.

Nas portas das escolas e dos liceus, cantava-se um estribilho certo:

«Deve, Deve, Deve
Deve ser mantida a greve!»

E de facto, aquêlles simples movimento de Coimbra, em torno dum estudante, injustamente reprovado, transformou-se numa greve geral.



FICOU ABANANADO...



...peia perfeição com que o **CASULO Limpa-Fatos**

lhe tirou as nágoas da roupa!

É que o CASULO torna os fatos como novos e mais duráveis: elimina-lhes nódoas, lustro, mau cheiro, desinfecta-os e limpa-os. Produto maravilhoso, síntese de 6 substâncias químicas inofensivas, actua sobre os tecidos, renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drogarías.

Revenda: **Schreuter & Almeida** R. da Madalena, 128, 2.º Lisboa



UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crustas, feridas, pruridos, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE ANDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmacias e drogarías
Preço avulso: 11\$00



Daqui e dali...

Américo Nunes despediu-se da actividade desportiva. Em sua homenagem, o Atlético Clube de Portugal promoveu um torneio de «basket-ball», modalidade em que o apurado desportista vincou personalidade aparte. Fora das competições, que certamente recordará com saudade, o dr. Américo Nunes continuará, porém, a servir o desporto e o seu clube. É hoje o médico oficial e dedicado do Atlético Clube de Portugal, e a sua presença nas pugnas em que a florescente agremiação interveem constitui um magnífico exemplo de dedicação clubista.

«Florescente agremiação», dissemos, ao referirmo-nos ao Atlético Clube de Portugal. Uma verdade incontrouersa. A resultante da fusão União-Carcavelinhos singra vitoriosamente. Presente-se um trabalho sério e orientado criteriosamente.

Os homens que estão à frente dos destinos do clube sabem o que querem. De forma que o trabalho tem de ser profícuo. Não surpreende, pois, abstraindo mesmo da carreira brilhante que a primeira categoria de futebol tem feito esta época, que o número de sócios ronda a casa dos 4.000!...

O Atlético avanta-se e, crêmo-lo bem, será a realidade por muitos sonhada: um grande clube e uma poderosa força ao serviço do desporto!

O Lisboa Ginásio tem suspensas, por mais uns dias, as classes de ginástica, em virtude de ainda não estarem concluídas as importantes obras no salão ginásico, obras que transformarão por completo o aspecto do prestigioso Instituto de Educação Física, cada vez mais procurado por quantos vão conhecendo a sua notabilíssima acção.

A condução dos jogadores magoados para as cabinas, feitas em maca, conforme determina a nova regulamentação da F. P. F., deve ser uma medida sensata. Todavia, dá um aspecto de gravidade — ou de espectacularidade — que a lesão do jogador não justifica. Fica-se também com a impressão — pode muito bem ser só impressão... — de que estamos a ver o transporte de feridos de um campo de batalha...

Está fundada a Federação Portuguesa de Ciclismo. Caducou a U. V. P., «velhinha» e prestigiosa.

Agora, novos estatutos, novas directrices e novas idéias.

Uma delas, já que estamos em fase de renovação e de arejamento, podia ser a construção dum velódromo!...

O ciclismo português beneficiaria decisivamente com a obra. O dinheiro é pouco e está caro. Mas o que há, fundamentalmente, é uma tremenda falta de iniciativa.

Armando, antigo interior-esquerdo do Casa-Pia A. C., que na época passada se transferiu para o Atlético Clube de Portugal, tem estado ausente da capital cumprindo deveres militares nos Açores. O seu regresso, porém, é esperado nestes dias mais próximos, o que constituirá um óptimo reforço para o ataque do A. C. P.

É Gilberto, o ex-avançado-centro do Belenenses? Há quem o aponte como futuro elemento do Atlético, e há também quem admita a hipótese dele tornar a envergar a camisola «azul»!...

Onde estará a verdade?

COMO SERÁ FORMADA A SELECÇÃO DE LISBOA?

Alguns pontos de vista do seleccionador Salvador do Carmo

Os jogos internacionais de futebol estão praticamente suspensos. Restam, porém, os encontros inter-cidades, igualmente susceptíveis do maior interesse, umas vezes para seleções do mesmo país, outras vezes de países diferentes. É o caso das próximas pugnas entre as turmas de Lisboa e de Sevilha, que se vão travar em Fevereiro e Abril próximos.

Lisboa e Sevilha já se defrontaram por várias vezes e sempre com o aplauso das populações das duas cidades. Lisboa sofreu em Sevilha uma contagem de 5-1 mas, na «volta», nas Salésias, os andaluzes suportaram um tremendo assalto do ataque lisboeta e retiraram vencedores por 8-2.

Vamos, portanto, ouvir Salvador do Carmo, a quem a A. F. L. confiou o encargo de escolher os representantes de Lisboa. Foi membro do Comité de Selecção da Federação, cabendo-lhe, como pormenor notável, a colocação, contra a opinião geral, de Valadas e Soeiro a interiores, lugares que eles desempenharam cabalmente, o último até fixando-se definitivamente nesse posto; seleccionador da A. F. L. durante duas épocas, foi presidente do Conselho Técnico da A. F. L., fundador e presidente do Colégio de Arbitros e director do C. F. «Os Belenenses», tendo passado por todos os lugares de gerência.

Como pensa, pois, Salvador do Carmo formar o nosso grupo representativo? A pergunta é sempre delicada de colocar a um seleccionador. Mas conhecemos de sobejo a curiosidade do público. Por isso lhe perguntamos:

— Que critério vai seguir para seleccionar o elenco?

— Vendo os jogadores actuar nos seus jogos de clube. Não definirei imediatamente quais os nomes possíveis. O Campeonato Nacional serve-me de análise, independentemente da noção que possuo sobre o valor de cada unidade.

— Assentará na base de escolher uma equipa substituindo-lhe os pontos fracos?

— Não estou tentado por essa hipótese. De resto, há um nivelamento geral dos grupos considerados mais fortes. Tenho, além disso, de atender às características dos nossos adversários e do ambiente em que o primeiro jogo vai realizar-se.

Depois de uma pausa:

— Os espanhóis retomam, a passos agigantados, a sua antiga força. O regime de profissionalismo excelentemente organizado, a par duma inesgotável matéria prima, permite-lhes uma renovação constante de valores e um aperfeiçoamento contínuo dos existentes. Uma característica que não pode esquecer-se: a sua magnífica preparação física. Todos homens rijos, sólidos, jogando à base de velocidade e tendo no corpo-a-corpo um poderoso trunfo. É preciso opor-lhes um conjunto que possa corresponder amplamente.

— Afigura-se-lhe difícil conseguir-lo?

— Se o jogo fosse daqui a 15 dias, era possível que tivesse uma selecção diferente da que é preciso formar para daqui a mês e meio. Bem vê: a «forma» dos jogadores oscila, sem contar com outros imponderáveis...

— Que conclusões tirou dos treinos efectuados?

— Os treinos, por ora, são unicamente para efeitos de ligação, sobretudo do ataque. São jogados sem pressas e sem excessos. Cuido, no momento, particularmente dos avançados, pensando na defesa que terão de enfrentar. Irei depois à linha intermediária e à defesa, insistindo no capitulo da marcação e no abandono total de filigranas. Jogo essencialmente prático. Duas semanas antes do jogo, far-se-ão dois ou três treinos a «puxar»...

— Será o problema dos interiores o mais instante?

— Sim e não. Em boa verdade, julgo não ter motivos para sobresaltos... Os treinos efectuados deram-me indicações que me satisfizeram. Mas não esqueça que estamos a mês e meio do encontro.

— Tem alguns nomes novos? Na defesa?

— Estamos bem. Guarda-rédes há um par. O «duo» de defesas também não dá cuidado...

— Será prematuro citar alguns nomes?

— Depende da «forma» daqueles em quem penso. Mas do lote, Simões, Gaspar Pinto e Manuel Marques, pode optar-se, sem receio, por quaisquer deles. Os dois últimos jogam indiferentemente de qualquer dos lados, e também conhecem a linha intermediária...

— E... nesta?

— Creio que, por ora, Amaro, em



plena pujança, Albino, um tipo de jogador brioso que não quebra, e movimentação uma equipa, e Francisco Ferreira, outro combativo magnífico, podem muito bem vir a ser os nossos representantes... A frente temos um avançado-centro e um interior-esquerdo que também, se for preciso, faz o lugar de extremo...

— Peyroteo e Teixeira...

— Naturalmente...

— Os outros?...

— É cedo ainda. Tenho um esboço, mas acho prudente não me pronunciar. Pode anotar uma certeza: interessa-me em primeiro lugar o nome do País e da cidade que representamos. E quem estiver em condições de bem nos representar, é quem vai!...

— A equipa fará algum estágio?

— Não. Sou contrário ao estágio. A experiência demonstrou que é contraproducente. Só serve para engordar os jogadores e desorganizar-lhes o organismo, dando-lhes regimes de alimentação diferentes daqueles a que estão habituados... Nada de alterar as condições de vida dos jogadores.

— A partida para Sevilha...

— ...Será possivelmente na ante-véspera do encontro, em «auto-carros». É o suficiente.

O jornalista sabe que é indiscreto... Mas não recua:

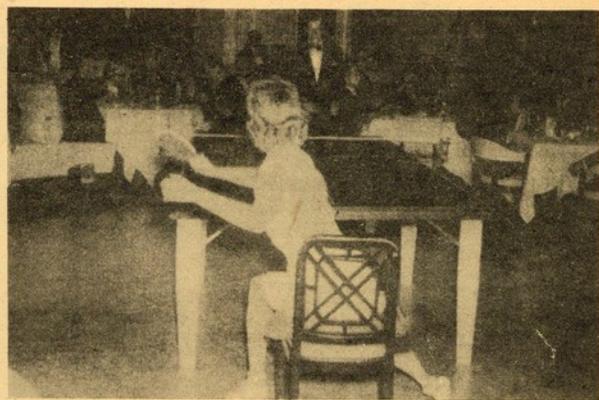
— O Salvador do Carmo que quer arriscar um vaticínio, quanto ao desfecho do desafio?

O seleccionador lisboense, franze primeiro a testa... Mas recobra de pronto a sua expressão habitual, e responde:

— Penso com optimismo que poderemos obter um resultado muito lisonjeiro... Esta palavra possui a elasticidade suficiente para que todas as deduções possam ter campo largo, conforme o critério de cada um!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

UM TORNEIO DE PING-PONG... A AMERICANA!



Já se sabe que os americanos têm invejável imaginação. Mas, desta vez, Ruth, Aarons, que por muitas vezes foi campeão universal de «ping-pong», venceu em originalidade quanto em matéria desportiva possa imaginar-se. Vejam só: há dias, num hotel de Nova-York — no Hotel Pierre — durante um jantar, dezes musicados e ballados, e a que nós chamamos «americanos, armou a «table tennis player» e substituiu a dança por uma partida formidável, com o campeão americano Frank Sinatra.

Como grande novidade e nota do verdadeiro cavalherismo «yankees», Ruth jogou sentada, enquanto o adversário, que perdeu a partida, esteve sempre de pé...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

OS SISTEMAS DE FORTIFICAÇÕES

A falta de defesas naturais induzira os russos a criar um sistema fortificado susceptível de constituir, em caso de guerra, uma barreira suficientemente forte para deter, ao menos durante algum tempo, o ímpeto do invasor. Para a Rússia comunista, como para a Rússia do czar, o problema apresentava-se com uma acuidade extraordinária devido, sobretudo, à necessidade imperiosa de ganhar algumas semanas para efeitos de mobilização.

O que se passara durante a guerra de 1914-18 constituía uma lição sempre presente no espírito dos dirigentes soviéticos. Num país, como a Rússia, com uma extensão territorial praticamente ilimitada e com uma população enorme, onde as vias de comunicação são insuficientes e o processo de recrutamento lento, o problema da mobilização é de importância capital especialmente durante as primeiras fases da luta.

O que se passara durante a conflagração anterior ensinava aos russos que a sua mobilização podia ser interrompida e prejudicada, em larga escala, pela rapidez dos movimentos do adversário. O que se passara durante as batalhas sucessivas e vitoriosas, travadas pelo exército alemão para alcançar o domínio do continente, ensinava-os mais, que os métodos postos em acção vinte sete anos haviam sido muito aperfeiçoados.

As condições em que decorria a batalha da Polónia, condições que os russos muito bem conheciam, eram, a esse respeito, singularmente elucidativas. O emprego da arma aérea alemã, em grande escala, e o domínio que a Luftwaffe rapidamente alcançou no céu da Polónia constituíam elementos decisivos que impediram aquele país de realizar completamente a mobilização do seu exército, antes que os movimentos deste fossem paralisados pela acção do inimigo.

Fôra essa uma das razões que levava os soviéticos a fazerem a campanha preventiva contra a Finlândia e a construir um sistema de fortificações que sabiam, sobretudo depois da experiência da linha Maginot, não ser de maneira nenhuma invulnerável, mas que podia concorrer para retardar o avanço dos alemães permitindo-lhes adiantar suficientemente a sua mobilização sem o perigo de a verem inesperadamente perturbada.

A LINHA ESTALINE

Durante o período que precedeu o conflito actual, o território da Europa encheu-se com os sistemas defensivos construídos por povos que julgavam ameaçada a segurança das suas fronteiras. A prática demonstrou que todas essas fortificações, algumas das quais tinham sido construídas à custa de pesados sacrifícios materiais, eram insusceptíveis de deter os exércitos modernos organizados no tipo da Wehrmacht.

Isso não impediu que, antes como depois de todas elas terem sido dominadas pelo emprego das armas modernas, continuasse a considerar-se válido o princípio que presidiu à sua construção. Assim nós vemos, ainda neste momento, os alemães que derrubaram todos os sistemas fortificados que os seus adversários espalharam pelo continente, fiarem dum sistema fortificado idêntico a defesa desse mesmo continente ameaçado por todos os lados.

Mas, quando a guerra se iniciou, a convicção de que as fortificações devidamente organizadas e munidas de poderosos meios defensivos eram susceptíveis de desempenhar a sua missão, estava ainda bastante espalhada. A linha Maginot era um símbolo que custara à França uma parte valiosa das suas despesas militares. À sombra dela o exército francês, considerado durante muito tempo como o melhor exército do mundo, julgou ser possível remeter-se a uma defensiva que por fim se revelou fatal.

A Finlândia construiu a sua linha Mannheim, a Roménia a sua linha Carol, a Grécia a sua linha Metaxas, a Bélgica um poderosíssimo sistema fortificado que não chegou a ser baptizado com o nome do seu soberano mas

que se revelou tão vulnerável como as restantes à prova dos factos. Todas essas linhas foram derrubadas pelo ímpeto da Wehrmacht, durante as campanhas que conduziu no ocidente da Europa e nos Balcans sendo a linha Mannheim dominada pelos russos.

Estes construíram também o seu sistema fortificado a que deram o nome de linha Estaline a qual ocupou, durante algumas semanas, um lugar de honra no noticiário dos jornais na primeira fase do duelo gigantesco travado, a leste, entre germanos e eslavos.

AS CARACTERÍSTICAS DA LINHA

A finalidade a que obedecera a construção da linha Estaline era, porém, como dissemos, singularmente diferente daquela com que tinham sido construídos por toda a Europa os restantes sistemas fortificados. Por terem feito a linha Estaline os russos não se dispensaram de dar ao seu exército as características de força e de mobilidade sem as quais nenhum exército pode julgar-se em condições de resistir, duradouramente, ao assalto dum inimigo convenientemente apetrechado.

O exército soviético era um exército altamente motorizado, utilizando as suas divisões blindadas e a sua aviação em proporções semelhantes à Wehrmacht, e tendo na sua artilharia um poderoso instrumento de combate que durante algumas das mais importantes fases da campanha veio a revelar-se decisiva. O ponto que, desde o início, suscitou dúvidas compreensíveis consistia em averiguar até que ponto o soldado russo, geralmente de extração rural, se adaptava às exigências da mecanização.

Essa dúvida foi esclarecida pelos acontecimentos. Mas, de qualquer maneira, os organizadores desse exército não confiaram ao cimento uma função que só o peito e o cérebro do homem são capazes de desempenhar. O que quer dizer que no povo russo, ao contrário do que acontecera com o povo francês, se não criou a mística do betão que dispensava os restantes sacrifícios. A linha Estaline tinha uma missão concreta a cumprir: deter o invasor apenas durante o tempo suficiente para que a defesa do país pudesse organizar-se no interior, beneficiando da sua extensão a realizar cuidadosamente a mobilização dos milhares de soldados que era necessário chamar às armas.

Encarada sob este ponto de vista a função da linha Estaline, deve reconhecer-se que ela foi integralmente cumprida. Os dirigentes militares soviéticos puderam, ao contrário do que acontecera com os polacos, realizar tranquilamente a sua mobilização. Puderam, ao mesmo tempo, transferir a tempo a sede de algumas das suas mais valiosas indústrias de guerra de pontos situados nas proximidades das zonas de invasão para pontos distantes do seu território, incluindo o Urais, que se tornaram praticamente inacessíveis.

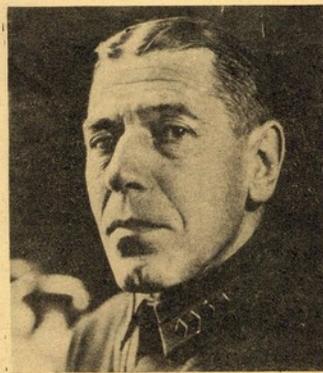
O VALOR DA LINHA ESTALINE

A linha Estaline seguia, aproximadamente, o traçado da fronteira polaco-russa existente antes das grandes modificações territoriais que transformaram, a partir de 1938 (data da assinatura do acórdão de Munich), a fisionomia da Europa. Este facto basta, só por si, para demonstrar que os russos nunca excluíram a hipótese duma invasão alemã, com ou sem o concurso da Polónia. Como se sabe, a diplomacia polaca, depois da guerra, afirmou sempre vigorosamente, reeditando as indicações de ordem geral fornecidas no discurso proferido perante a Dieta, em Abril de 1939, pelo coronel Beck, que recebera sugestões directas do Reich para se associar a este país a fim de partilharem o despojo russo depois duma guerra vitoriosa.

Partindo do golfo da Finlândia, a linha Estaline passava a leste de Narva, do Noroivo e do Peipus, seguindo depois por Pshov, Opoetska, Orsha (aproveitando o triângulo estratégico Vitebsk-Polotsk-Orsha cuja posse está actualmente a ser disputada de novo entre russos e alemães)



Von Brauchitsch, invocando razões de saúde, abandonou o encargo de dirigir o estado-maior alemão.



Também o marechal Chapochnikov, invocando idênticas razões, deixou a direcção dos exércitos russos, no princípio das hostilidades.



Logo nos primeiros recontros, a luta atingiu uma violência nunca vista. Não obstante a forte resistência russa, as estepes nevadas iam passando para a posse dos atacantes. As legiões de soldados russos capturados tinham, então, uma trágica feição bíblica.

para se chegar depois ao curso do Dnieper, até a sua confluência com o Berezina, passando em seguida por Zithomir para, na sua parte meridional, utilizar o curso do Dniester.

A linha Estaline cobria assim uma região de alto valor estratégico que voltou a ser árduamente contestada pelos dois beligerantes depois de dois anos e meio de luta. De facto, os russos encontram-se actualmente atacando o triângulo Polotsk-Orsha-Vitebsk. Tendo cercado esta última cidade, ocuparam Zhitomir, de onde fizeram irradiar os seus exércitos para ocidente tendo atravessado a fronteira da Polónia, e para sul, afim de atingirem o curso do Dniester numa tentativa para evitarem a retirada das tropas alemãs que, em número bastante elevado se encontram na curva do Dnieper resistindo à pressão que simultaneamente exercem sobre ela as forças soviéticas vindas de leste.

A linha Estaline era composta por um conjunto descontínuo de obras fortificadas, dispostas convenientemente ao longo da linha que sumariamente indicamos. O sistema tinha uma profundidade grande e, quer utilizando os obstáculos naturais, especialmente os cursos de água, quer beneficiando de obras fortificadas, oferecia uma solidez incontestável. O seu defeito principal, como no caso da linha Maginot, consistia em não ter os seus flancos suficientemente cobertos. Mas esta falta não desempenhou, na campanha da Rússia, como a falta do prolongamento da linha Maginot desempenhou no caso da França, um papel capital, dadas as razões que presidiram à construção da primeira e a função verdadeira que os seus construtores quiseram que ela executasse.

OS SECTORES DA FRENTE

A frente germano russa considerou-se, desde o início da campanha, dividida em três grandes sectores: o sector norte, o sector centro e o sector sul. Estes sectores eram definidos mais pela disposição dos exércitos e pela sua articulação do que por acidentes de ordem geográfica capazes de os delimitar rigorosamente.

Duma forma geral, pode dizer-se que esses sectores correspondiam a objectivos políticos ou económicos. O objectivo dos atacantes, ao norte, eram a cidade de Leninegrado, ao centro a cidade de Moscovo e ao sul as riquezas da Ucrania, do Donetz e do Cáucaso. Uma vez ultrapassada por eles a linha Estaline, a defesa russa adaptou-se rapidamente ao condicionalismo criado pelos atacantes e a campanha, mesmo nas fases em que a evolução se revestiu duma grande mobilidade (durante as ofensivas alemãs de 1941 e 1942) a divisão em sectores manteve-se. Ainda actualmente, e embora com uma significação menos acentuada, ela se conserva.

Mesmo excluída a região extrema que se estende entre o golfo da Finlândia e o Oceano Ártico, onde a luta adquiriu desde o início uma feição particular, a frente compreendida entre o golfo da Finlândia e o Mar Negro manteve-se sempre bastante extensa para exigir a permanência de efectivos sem precedentes em nenhuma campanha da história. Pode dizer-se que das grandes potências do mundo só a Alemanha e a Rússia, pelos seus recursos e pela sua tradição militar, estavam em condições de a alimentar duradouramente.

OS ESTADOS MAIORES

O pensamento dos beligerantes, no início da luta, parecia interpretado pelos dois homens que tinham o encargo supremo de dirigir os Estados Maiores alemão e russo. Esses homens eram o marechal Brauchitsch e o marechal Chapochnikov. Ambos abandonaram, pretextando motivos idênticos, a condução

efectiva das operações no campo de batalha. Foram razões de saúde que levaram ambos a resignarem as suas funções. Ambos indicaram, para se retirar do primeiro plano da actualidade internacional, moléstias de coração.

O marechal Brauchitsch, como o marechal Chapochnikov, eram dois militares de carreira fundamentalmente estranhos aos regimes políticos que dominavam os seus países. Ambos se tinham dedicado, exclusivamente, à carreira das armas. Um e outro tinham sonhado com uma vitória espectacular e tinham-se preparado longamente para ela.

Quando acabou a conflagração de 1914-18, o marechal Brauchitsch era apenas um oficial modesto e ignorado com a patente de capitão. Como tantos dos seus camaradas, nunca o abandonara o sonho de restabelecer o poder militar da Alemanha. Trabalhou pertinazmente, pacientemente, nos serviços do Estado Maior de que se tornou um dos elementos mais categorizados e respeitados. A série de episódios, simultaneamente políticos e militares, que levou ao afastamento sistemático de algumas das mais ilustres personalidades do exército alemão, Schleicher, Fritsch, Bredow, entregou-lhe a direcção suprema do Estado Maior e portanto a responsabilidade efectiva da condução das operações.

Com Chapochnikov sucedera coisa idêntica. Depois das execuções de 1937, que eliminaram algumas personalidades categorizadas do exército soviético à frente dos quais se encontrava o marechal Toukatchevski, acusado de manter relações com os comandos do exército alemão, Chapochnikov passou a desempenhar o principal papel na cena militar do seu país. Era um oficial de carreira que ocupava o posto de coronel no tempo do czar.

OS COMANDOS ALEMÃES

Muitas versões contraditórias correram antes que fôssem conhecidas efectivamente os nomes dos homens que estavam encarregados de executar os planos estabelecidos pelos Estados Maiores germânico e soviético. Quando esses

(Continua na pág. 22)



A Linha Estaline compreendia fortins blindados, como este que os alemães acabaram por destruir.

Em escultura, os Estados Unidos são donos de uma notável herança do passado, legada pela obra de artistas como Augustus St. Gaudens, Daniel Chester French, Gutzon Borglum, Frederick W. Mac Mounies, George Gray Bernard e vários outros. Hoje, porém, o movimento artístico contemporâneo encontrou eco na escultura, com as obras maciças dos realistas sociais e as formas obscuras dos abstraccionistas.

Os mais notáveis representantes da moderna escultura norte-americana são Chaim Gross, Cencetta Scaravaglione, Paul Manship e William Zorach, Carl Miles, escultor sueco que actualmente faz parte do Gransbrook Institute, em Detroit, e que foi há pouco agraciado com o prémio anual da Academia Nacional de Artes e Letras. As suas fontes, baixo-relevos e estátuas, constituindo uma importantíssima contribuição para a arte norte-americana, podem ser admirados não só nos jardins do Gransbrook Institute, como em diversos outros pontos do país.

Nos parques e edifícios públicos dos Estados Unidos encontram-se numerosos exemplos da obra de escultores americanos, que têm vincada a sua passagem em vários outros pontos do país, como acontece, por exemplo, no Monte Rushmore, em South Dakota, onde, esculpida na rocha, se destacam as cabeças de George Washington, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln e Theodore Roosevelt. Suspenso, pela morte de Gutzon Borglum, este monumental trabalho será em breve terminado por seu filho.

Em virtude da guerra, os Estados Unidos são hoje os depositários de numerosos tesouros artísticos, bem como o lar de alguns dos melhores artistas europeus. O interesse crescente que, pelas artes, vem mantendo o público dos Estados Unidos, deu lugar a que abrissem recentemente numerosas galerias — uma das quais, a National Gallery, se inaugurou em 1941, exibindo ao público a magnífica colecção do falecido Andrew W. Mellon, antigo secretário do Tesouro Americano, que, oferecida à Nação em 1937, inclui 126 pinturas e 26 esculturas, algumas das quais de renome universal. Entre as obras dessa colecção, destacam-se o «Auto Retrato», de Rembrandt, a «Anunciação», de Jan Van Dyck, a «Venus ao Espelho», de Titian, a «Adoração dos Magos», de Botticelli, e «Alba Madona» de Rafael. Recentemente, a National Gallery foi enriquecida com a colecção de mestres antigos, pertencente a Joseph E. Widener.

A Galeria de Arte Corcovan, em Washington, documenta, principalmente, artistas americanos, incluindo uma grande colecção de esculturas em mármore e em bronze, além de reproduções antigas e da Renascença.

A ESCULTURA NORTE-AMERICANA E OS MUSEUS

Por ISABEL ROSS

Outros grandes repositórios de arte, na América, são o Metropolitan Museum of Art, enorme edifício de esplendor arquitectónico, que se ergue na Quinta Avenida, de Nova York, e o Chicago Art Institute. As colecções expostas no primeiro representam as artes do Egipto, da Babilónia, da Assíria, da Grécia, de Roma, do Próximo e Extremo Oriente, da Europa e dos Estados Unidos, incluindo arquitectura, escultura, pintura e artes gráficas, além de armas e artes decorativas. Nas galerias dedicadas à arte egípcia destacam-se estátuas da Rainha Hat-shepsut, peças de joalharia do túmulo de Tut-Aukh-Amen e uma colecção interessantíssima de pequenos objectos de arte. O Chicago Art Institute é possuidor de uma enorme colecção de algumas das mais valiosas obras de arte de todo o mundo.

A arte do Próximo Oriente é representada em Nova York por obras de cerâmica e miniaturas. Nas galerias dedicadas ao Extremo Oriente, encontram-se colecções de esculturas, bronzes e objectos de cerâmica e jade.

Entre as mais conhecidas pinturas expostas no Metropolitan, destacam-se «Nossa Senhora e o Menino», de Rafael, «Venus e o Tocador de Flauta», de Titian, e vastas colecções de Rembrandt e pinturas francesas do século XIX.

O Whitney Museum, de Nova York, fundado por Mrs. Harry Payne Whitney, senhora notável, não só por ser hábil escultora como, ainda, pelo estímulo que proporcionou a vários jovens artistas americanos, foi encerrado após a sua morte. A sua colecção de arte contemporânea será incluída na secção americana do Metropolitan Museum.

Nos arredores de Nova York, encontra-se o Cloristers — uma dependência anexa ao Metropolitan Museum, onde se guardam preciosos tesouros da arte

medieval. Construído em estilo românico, encerra nas suas galerias numerosos cruzeiros medievais da Europa e a famosa tapeçaria gótica ilustrando a «Caçada ao Unicórnio».

O MUSEU DE ARTE MODERNA

Fundado em 1929, a título de experiência, por um grupo que acreditava que a arte moderna poderia tomar parte integrante na vida cultural dos Estados Unidos, o Museu de Arte Moderna foi, em breve, reconhecido internacionalmente como um importante e original centro artístico. Situado em Nova York, dedica-se, especialmente, à moderna pintura, escultura, arquitectura, artes gráficas, desenho industrial, fotografia e cinema. Durante a primeira década da sua existência promoveu mais de 100 exposições, a que assistiram mais de 1.500.000 pessoas. As suas exposições ambulantes têm levado o bafejo da arte até às comunidades mais longínquas do país. A sua notável secção cinematográfica inclui cópias dos primeiros filmes americanos, além de obras do cinema britânico, russo, sueco e de vários outros países europeus.

O impressionismo, o cubismo e arte abstracta são apresentados, de tempos a tempos, no Museu, onde se realizam freqüentes exposições das obras de Matisse, Picasso, Derain, Cezanne, Bonnard, Braque, Gauguin, Ronault, Segonzac, Toulouse, Lantrec e outros modernistas. Mais de 45 por cento das pinturas e 35 por cento das esculturas, representam o trabalho de artistas americanos. O novo museu, cuja construção terminou em 1939, é um magnífico edifício construído essencialmente de vidro.

Outras notáveis colecções de arte, encontram-se expostas ao público no

Museu de Belas Artes, de Boston, na Galeria de Arte de William Rockwell Nelson, em Kansas City, no Art Museum, de St. Louis, no Philadelphia Museum of Art, no Cleveland Museum of Art, no Detroit Institute of Arts e no Toledo Museum of Art.

Os museus públicos são enriquecidos de tempos a tempos por ofertas de colecções de particulares, muitas das quais possuem notáveis colecções que, periodicamente, são patentes ao público.

Entre os museus especializados na arte e vida aborígenes americanas, encontra-se o Museu do Índio Americano, em Nova York, o Museu de Arte Navajo, em New México, e o Museu de Arte de Denver, em Colorado. O Museu de Arte Moderna instalou uma secção de arte índia, na Primavera de 1942.

AUMENTA O INTERCÁMBIO ARTÍSTICO

A guerra veio estimular o intercâmbio artístico. Assim, realizou-se recentemente, na National Gallery, uma exposição de arte australiana, enquanto na cidade do Cabo tinha lugar uma exposição da moderna pintura americana.

Actualmente, realizam-se freqüentes exposições de pintura, desenho e escultura da autoria de membros das forças armadas, os fundos das quais são aplicados em causas de auxílio. A guerra veio dar lugar à sua forma própria de expressão artística, através dos desenhos de combates, feitos por homens nêles empenhados. A maior parte das galerias promove exposições de obras deste tipo, a que ocorre uma numerosa assistência.

O público americano aprecia bem os seus museus e galerias de arte. Os primeiros, atraem anualmente mais de 50.000 visitantes. São sustentados por fundos públicos, doações de particulares e por contribuintes periódicos. A maior parte deles dedica-se à investigação, publica jornais artísticos e promove conferências. As crianças das escolas têm nêles entrada gratuita.

A maior parte das galerias apresenta pinturas murais, género muito do agado dos americanos, entre as quais se destacam os de Edward Rowan, para o edifício do Ministério da Justiça, em Washington, os de William Gropper, para Biblioteca do Congresso, ilustrando algumas frases notáveis de Thomas Jefferson, e as de José Maria Serts, para o Centro Rockefeller, em Nova York.

As pinturas murais são cada vez mais apreciadas nos Estados Unidos como uma forma de arte que se adapta à arquitectura maciça e aos grandes espaços do país.



O Metropolitan Museum of Art, o mais importante museu dos Estados Unidos, encerra um dos maiores tesouros artísticos de todo o mundo. Situado na 5.ª Avenida de Nova-York, atrai diariamente milhares de visitantes e tem servido para divulgar nos Estados Unidos a arte de todos os povos.

«A Mulher Ajoelhada», da autoria do conhecido escultor alemão Lembruck, é uma das notáveis peças de estatuária que se exibem no Museu da Arte Moderna.

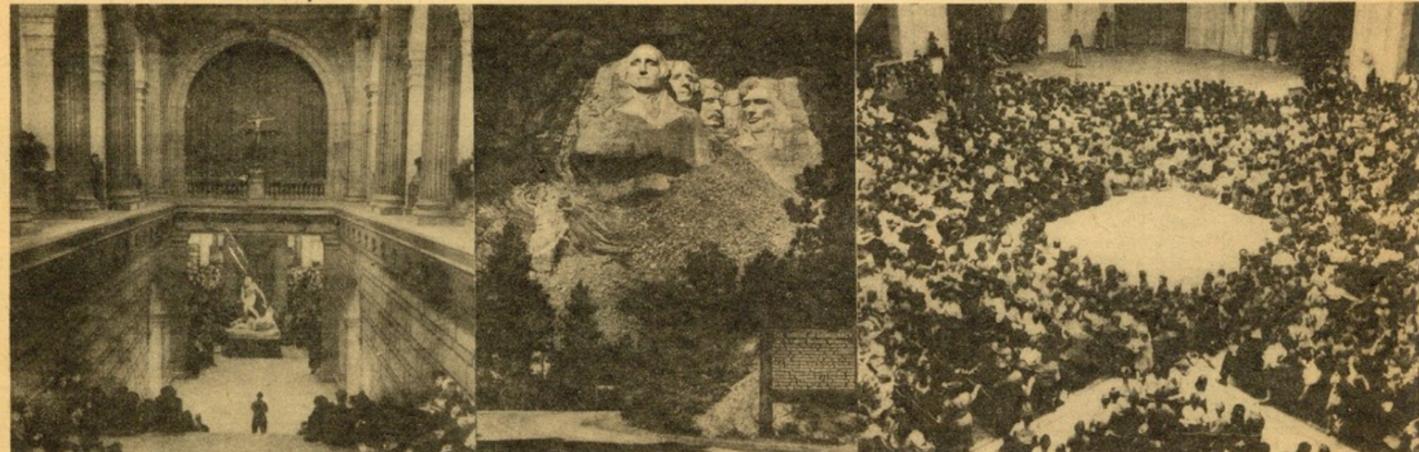
O próprio edifício onde se encontra instalado o Museu de Arte Moderna já é um belo exemplar da arte contemporânea. As paredes são de mármore branco, telha azul e vidro. A fachada posterior olha para um magnífico jardim onde se exibem belas obras de escultura.



A Biblioteca Pierpont Morgan, em Nova-York, fundada pelo falecido milionário J. P. Morgan e por seu pai, é um verdadeiro tesouro de livros raros e objectos de arte. Embora particular, a biblioteca encontra-se aberta ao público em determinados dias.

O manuscrito original da obra de Charles Dickens, «The Christmas Carols», é uma das preciosidades que se encerram nas estantes da biblioteca de J. P. Morgan, em Nova-York.

A escultura de Maurice Glickman, intitulada «Grupo Familiar», encontra-se exposta num recinto ao ar livre, em Nova-York.



Os concertos e as conferências que, regularmente, se efectuam no Metropolitan Museum of Art, atraem sempre uma enorme assistência que, por vezes, se senta nas escadarias por não ter lugar nas salas onde eles se realizam.

Este gigantesco trabalho em granito que se vê em Mount Rushmore, foi interrompido pela morte de Gutzon Borglum e está agora a ser concluído por seu filho. Os bustos são de George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln.

Crianças e adultos reúnem-se na sala de escultura do Brooklyn Museum, de Nova-York, para assistir a um espectáculo realizado por peles-vermelhas.



Esta soberba escultura «O Despertar», encontra-se exposta numa rua de Nova-York. As exposições de escultura, ao ar livre, encontram-se agora muito em voga nos Estados Unidos.

Jo Davidson, conhecido escultor americano, foi o autor desta vigorosa estátua do famoso poeta americano Walt Whitman.

Magnífica fonte da autoria do escultor sueco Carl Milles, actualmente cidadão americano. Situada em frente do edifício da estação de St. Louis, é uma das mais notáveis obras de escultura da região.



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

| Horas | Estações | Ondas | Estações | Ondas | Estações | Ondas |
|---------------|----------|-------|----------|-------|-------------------------------|-------|
| 7,45 | WKTS | 49,0 | WRUL | 38,4 | WKLJ | 39,7 |
| 8,45 | WKTS | 49,0 | | | WKLJ | 39,7 |
| 9,45 | | | | | WKLJ | 30,8 |
| 12,45 | WRUA | 26,9 | WRUS | 19,8 | WRUW | 25,6 |
| 13,45 | WRUA | 26,9 | WRUS | 19,8 | WRUW | 16,9 |
| 17,45 | WRUA | 26,9 | WRUS | 19,8 | | |
| 18,45 | WRUA | 26,9 | WRUS | 19,8 | WGEA | 25,3 |
| 19,45 | WRUA | 26,9 | WRUS | 19,8 | WGEA | 31,5 |
| 20,45 a 21,15 | WRUA | 39,6 | WRUS | 31,4 | (meia hora programa especial) | |
| 21,45 | WRUA | 39,6 | WRUS | 31,4 | WKLJ | 30,8 |
| 22,45 | | | | | WKLJ | 30,8 |
| 23,45 | | | | | WKLJ | 30,8 |

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

MEDICINAL
PASTA **COUTO**

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou biomíticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L. do Porto

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



**Rainha da
Hungria**

3 produtos indispensáveis à
pureza e frescura da epiderme.
SÃO PRODUTOS



Academia Científica de Belleza
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 - LISBOA
TEL. 21866

HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 19)

nomes foram conhecidos, acentuaram-se as divergências fundamentais entre os critérios de escolha seguidos em Berlim e em Moscovo.

Do lado alemão, os três sectores da frente eram superiormente dirigidos pelos marechais von Leeb (norte), von Bock (centro) e von Rundstedt (sul). Tratava-se de personalidades categorizadas da carreira militar, todas elas estranhas ao partido nacional socialista. Todos se tinham distinguido nas campanhas anteriores, especialmente durante a campanha da França, onde haviam comandado igualmente os três sectores por que a frente de batalha foi dividida.

O marechal von Leeb era o grande teórico da defensiva. Para ele a Wehrmacht, obrigada mais cedo ou mais tarde a defrontar uma coligação poderosa, só poderia acabar por vencer os seus adversários, que não deixariam de aumentar em número remetendo-se, desde o início das operações, a uma guerra defensiva sistemática. Os seus pontos de vista eram, portanto, postos à concepção ofensiva do Estado Maior e dos chefes políticos.

O marechal von Bock era um exemplo clássico de oficial prussiano, capaz de traduzir no campo da batalha e de realizar plenamente as condições táticas correspondentes aos planos estratégicos do comando. Em França, confirmara sólida mente uma reputação, adquirida em tempo de paz, ao longo duma carreira profissional brihante e prosseguida em tempo de guerra durante a conflagração anterior.

O marechal Rundstedt era, segundo o consenso geral, o oficial mais brilhante do exército alemão. Tanto quanto a tradição de guerra alemã suporta a intervenção da imaginação nos planos de Estado Maior, von Rundstedt revelara-se sempre como um chefe de imaginação e de iniciativa ousada, capaz de conceber projectos arrojados e de os executar plenamente quaisquer que fôsem as dificuldades a vencer.

O EXÉRCITO E O PARTIDO

Estes nomes revelavam uma preocupação evidente de não confiar aos chefes militares, que com o partido nacional socialista tinham mais estreitas relações, os primeiros lugares no drama gigantesco que ia começar a desenvolver-se a leste. Essa preocupação não era casual. Obedecia a razões, ao mesmo tempo políticas e estratégicas, que fundamentalmente derivavam do conhecimento que havia em Berlim da extensão e da gravidade das dificuldades a vencer a leste. Essas dificuldades só poderiam ser removidas pelo concurso activo da Wehrmacht e pelo exercício da sua vontade e não apenas pela obediência às ordens do poder político.

Embora iniciada sob o signo ideológico do anti-comunismo, a campanha da Rússia era fundamentalmente um duelo entre duas forças que não tinham paralelo no mundo, o choque de duas máquinas militares sem precedentes. Não era evidentemente a simples oposição entre duas idéias que bastava para arrancar uma decisão. Para isso exigia-se o concurso dos dois exércitos e o concurso das duas nações, concurso activo e adesão sincera, sem o que qualquer dos adversários corria o risco de se encontrar em situação idêntica e à dos países ocidentais que tinham sido vencidos muito mais pelas suas dissidências internas do que pela sua fraqueza, aliás evidente.

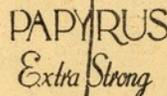
Numa palavra: a campanha da Rússia era o primeiro ensaio sério e definitivo da guerra total, tal como a haviam imaginado e planeado os seus teóricos alemães. Pela primeira vez a força militar do Reich ia defrontar um adversário cuja força não era inferior à sua, embora o grau de adestramento das forças militares soviéticas fosse claramente inferior, quando se iniciaram as hostilidades, à preparação cuidada e meticulosa de que fôra objecto o soldado alemão.

Por isso o governo do Reich escolheu não os seus partidários mais ferrosos mas os seus generais mais competentes para dirigirem as operações na frente leste. Por isso também se não pode argumentar com a derrota ou com o desprestígio duma fórmula política determinada, quando se trata de apreciar, do lado alemão, a condução da campanha em que o Estado Maior empenhou todo o seu saber profissional e toda a sua competência técnica. (Continua)

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelarias e Tipografias



Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

TELEF. — 2 0244
TELEG. — PAPELCAR

**Papelaria
Carlos**
de Carlos Ferreira, L.ª

SECCOES DE VALORES/ELADRO E TABACARIA

ESPECIALIDADE EM LIVROS PARA ESCRITURA COMERCIAL

GRANDI SERVIZIO DE ARCHIVIUM PARA DISSEGNO E SCRITTORIO

RUA DO OURO,
LISBOA

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

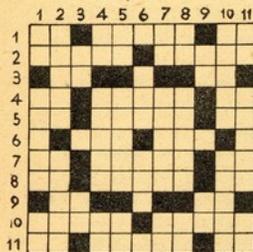
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 11

Por Fernando R. da Silva
PORTO



Enunciado

HORIZONTAIS: 1 — Desvoldo; tubo de fôlha ou de cana para extrair líquidos; ides (ant. e poet.). 2 — Fruto comestível; ordem judicial (inv.). 3 — Certo; a mim. 4 — Art. ant. usado antes de ereis; ave peraltta de arribação; art. def. 5 — Contração de preposição e artigo; mercado oriental coberto; ali. 6 — Debaixo de; época. 7 — Nociva; navegante; interj. 8 — Viração; atrever-se a; nota musical. 9 — Gemido; suspensão 10 — Cór preta; mamífero carnívoro. 11 — «Conjunção»; nome de homem; interj.

VERTICAIS: 1 — Em a; infiltração de serosidade nos tecidos; existes. 2 — «Campainha»; da Arábia. 3 — «Preposição»; passava. 4 — O mais; abonação; o ponto essencial. 5 — «Batráquico»; foi-se; pronome pessoal. 6 — Variedade de cal com que se escreve; aplicação. 7 — Prep. e art. contraídos; tecido felpudo de lã; tem. 8 — Dó (nota musical); vaguear; «verbo». 9 — Nota musical (inv.); a. 11. 10 — Imaginário; ostentoso. 11 — Igreja episcopal; pássaro dentirrosto do Brasil; exprime admiração.

Solução do Problema n.º 10

HORIZONTAIS: 1 — Santa; rubor. 2 — Imo; Ema. 3 — Ta; calar; os. 4 — Cinema. 5 — Alameda. 6 — Anal; nica. 7 — Adónico. 8 — Laguna. 9 — As; solar; el. 10 — Rio; ora. 11 — Oásis; tosar.

VERTICAIS: 1 — Sítio; claro. 2 — Ama; sia. 3 — No; canal; os. 4 — Cilada. 5 — Análogo. 6 — Além; nulo. 7 — Amenina. 8 — Radicar. 9 — Bé; sacos; os. 10 — Ouro; era. 11 — Basos; talar.

DAMAS CONCURSO DE PROBLEMAS E FINAIS DE JOGO

Iniciamos hoje o concurso de problemas e finais de jogo, com prémios que constam de assinaturas de revistas, livros, etc.

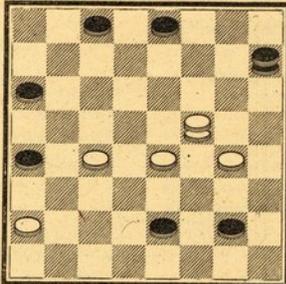
Os problemas publicados no número de hoje, são da autoria de «damistas» que tiveram conhecimento da data do início do concurso, por troca de correspondência com o director desta secção e assim não os enviaram adiantadamente.

Todos os trabalhos que nos forem enviados até 28 de Fevereiro p. f., serão considerados e só depois de publicados todos os que se encontrarem nas condições devidas, se reunirá um júri que classificará os problemas apresentados.

Num dos próximos números, daremos aos Ex.ªs damistas, mais notícias a estes respeito.

PROBLEMA N.º 1 (Concurso)

Por António Eduardo Igrejas
MELGACO



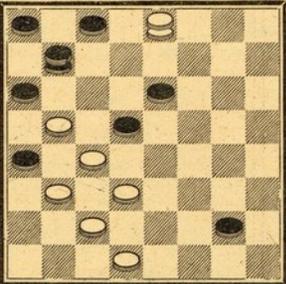
Jogam as brancas e ganham

COLOCAÇÃO DAS PEÇAS
Branças — Pedras em: 8, 13, 14 e 15 e Dama em 18.
Pretas — Pedras em: 5, 6, 16, 24, 30 e 31. Dama em 25.

PROBLEMA N.º 2 (Concurso)

Por Raúl Duarte Girão

PERNES



Jogam as brancas e ganham

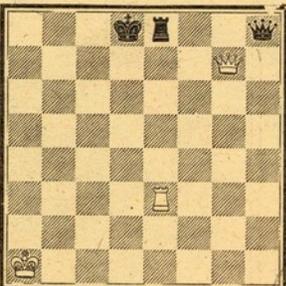
COLOCAÇÃO DAS PEÇAS
Branças — Pedras em: 3, 7, 11, 12, 15 e 20. Dama em 30.
Pretas — Pedras em: 5, 16, 19, 22, 24, 31 e 32. Dama em 28.

XADREZ

FINAL DE JOGO N.º 7

Por A. Monterde

Pretas



Branças

Jogam as brancas e ganham.

Solução do Final n.º 6
(Henri Rink)

1. T7D+, R3T; 2. C5A+, RXP; 3. T8D1 (domínio dos movimentos da dama preta, D7C (se 3... DXT; 4. C7C+, R5T; 5. CXD, R6T; 6. C6A e ganha. E se 3... D4R; 4. T8TD+, R3C ou R5C; 5. C7D+ ou C3D+ e ganha); 4. T8TD+, R3C; 5. C4T+, PXC; 6. T8GD+, ganhando a dama e a partida.

CHARADAS

AFERESADAS

1 — Na desgraça, às vezes, tem principio uma ventura. 6-5.

Lisboa

J. Pessoa. P.

2 — Filho bem criado, é por Deus abençoado. 3-2.

Pôrto

Sabrigaita (A. C. I.—T. E.)

3 — Ao ocioso espera-o um fim doloroso. 4-3.

Pôrto

Sabrigaita (A. C. I.—T. E.)

4 — Para todo o infortúnio deve haver benevolência. 3-2.

Lisboa

Jim Joyce

5 — Segue sempre em boa companhia. 4-3.

Lisboa

Mtudinho

NOVISSIMA

6 — Se a moléstia demora, a vida é pouco segura. 1-3.

Viseu

Dr. de Cabresto

SINCOPADAS

7 — Só com muita atenção, apanhas o peixe esturónio. 3-2.

Viseu

Dr. de Cabresto

8 — A corda que cinge os mastros e os reforça, humedece. 3-2.

Viseu

Dr. de Cabresto

Soluções do n.º 139

1 — Mofina. 2 — Agomar.

PROVERBIO A ADIVINHAR

Com papas e bôlos se enganam os tôlos.

ENIGMA TIPOGRAFICO

Vitela.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS
NESTA SECÇÃO

Silva Bastos (2.ª Edição); J. de Ségulier; Pastor; Brunswick; Roquette (Sinon.); Moreno (Comp.); Torrinha; Bandeira (2.ª Ed.) e Povo.

ESPÉCIES ADMITIDAS

Em verso: Enigmas; logogrifos e antigas.

Em prosa: Novissimas; sincopadas; epentéticas; aferesadas; protéticas; apocopadas; paragógicas; mefistofélicas.



Ventura pergunta...

Por ZÉCO



Por que não instala a Carris, em cada paragem, um óculo de grande alcance para os passageiros perceberem os letreiros dos eléctricos?



Dada a preocupação da Sociedade Nacional de Belas Artes em «tratar da saúde» aos seus artistas, tendo criado para esse fim um pósto clínico, não seria mais lógico passar a chamar-se Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Inválidos?



Por que será que cada vez há mais livros e menos escritores? Será que nuns a palavra «Caco» é substantivo masculino e noutros substantivo feminino?...



Projectam-se vários filmes portugueses. Continuam os nossos realizadores com o propósito de não largar o barrete?

"SORTE GRANDE"

CONTO DE JAIME DUARTE DE ALMEIDA

ILUSTRAÇÃO DE ÁLVARO DUARTE DE ALMEIDA

FOI num sábado cinzento dos derradeiros dias do Inverno passado. A chuva miudinha que caía com uma insistência desconsoladora desde manhã, engrossava de quando em quando para fazer correr os transeuntes até aos vãos de escada e entradas dos estabelecimentos, onde se acotovelavam sem cerimónias, na ânsia de se abrigar. Uma dessas bâtegas, surgindo inesperadamente, levou-me a passar a porta giratória de um Café lisboeta. Quatro cristais separavam da rua triste e fria uma multidão buliçosa e descuidada, gozando o ambiente tépido do salão e buscando nos cafés e bebidas mais ou menos espirituosas o conforto que a temperatura do dia lhe regateava. Sacudi as gotas brilhantes que a chuva deixara nos meus ombros e, acercando-me de uma mesa, pedi o clássico e confortável café. Descuidado, esquecido dos afazeres interrompidos, olhei em tórno, observando aqui um solitário riscando num papel contas sem fim, ali um grupo de rapazes alegres, cujas gargalhadas enchiam o ambiente baço do fumo dos cigarros. Mais além, um par galante dizia ao ouvido coisas que eram para dois apenas. E fui classificando as personagens: a êste punha a etiqueta de comerciante, aquêles deviam ser estudantes buliçosos, aquêles outros dois apaixonados... Recreava o espírito, furtando-o às preocupações de uma vida difícil.

De súbito, porém, o meu olhar parou em certa mesa próxima da minha. Estava ali uma mulher a fixar com infinita tristeza os restos de café arrefecido, abandonados no copo que a meio da mesa, com o açucareiro de metal, eram os únicos companheiros daquela rapariga, tão distante de quanto a rodeava, tão dentro de si própria. As suas pupilas fixavam-se sem ver, nessa abstracção dos espíritos preocupados. Era nova, bonita, fresca, mas havia no seu todo qualquer coisa de estranho — a expressão esquisita dos que sofrem e choram...

Observei-a assim por longo tempo. Depois, lentamente, ela ergueu as pálpebras azuladas e reparou no meu olhar. Houve nela como que um regresso à vida. Sorriu, agitou as saias, cruzou a perna, tendo o cuidado de deixar adivinhar o desenho de umas coxas redondas, e exteriorizou uma vivacidade puramente comercial, em que eu acreditaria, se não tivesse notado o seu abatimento anterior. Fitava-me com um olhar insistente que me envolvia como um anzol traiçoeiro, lançando-me com êle tóda a provocação da sua face jovem e bela.

A chuva cessara mas eu, com aquela moleza que nos vem, quando interrompidos os afazeres, se sente o cansaço que nos produziram, deixei-me ficar, esgrimindo com aquêlo olhar garoto que não desistia de me envolver.

Eram cinco horas quando num repente, com voz estafada, os ardinhas apareceram em correria, anunciando os jornais da tarde que iam deixando, um nesta mesa, outro naquela...

De novo a rapariga sofreu uma transição profunda — o regresso a si própria. Esquecida de

tudo, o pensamento acordado para uma só ideia, abriu agitamente a enorme bôlsa de coiro vermelho, retirou dela uma fracção da lotaria, viu o número com olhar incendiado e, apertando na mão pequena e nervosa o papel, debruçava-se para aquêles que, mais próximo, procuravam no jornal notícias recentes da guerra já tão velha.

Um garoto deixou sobre a minha mesa o «Diário de Lisboa», apressando-se a fazer o trôco para atender outro freguês que lhe acenava de longe. Então, senti uma vontade enorme de levar àquela pobre alma um pouco de sossego, de sorte... talvez — quem sabia? — a própria sorte grande. E aproximei-me, oferecendo à sua curiosidade, a fôlha onde em longas colunas se alinhavam os números da lotaria. Nervosa, não atinava com o que queria. Fui eu mesmo quem consultou a lista. O seu número não estava... nem sequer a compensação da «letra».

— Está «branca» — disse-lhe eu, sem saber se deveria sorrir se compor uma expressão compungida.

— Não faz mal! É sempre assim...

Havia tanta tristeza nesta resignação que um silêncio se lhe seguiu, pesado e de mal estar.

— Se lhe saísse a sorte grande, que faria? — perguntei de repente.

O seu olhar animou-se. Vi bem que havia nele um brilho diferente.

— Que faria? Oh! A primeira coisa era fugir de mim mesma...

— Fugir de si mesma, por quê?

— Sim; esquecer o que sou... o que tenho sido... Julga que sou isto que vê? Como se engana...

E, falando baixo, como o sonhando, continuou:

— Comprava uma casinha, muito longe, onde ninguém me conhecesse... enchia-a de conforto... e, então, quando tivesse desparecido todos os

vestígios desta vida de miséria, procuraria receber uma amizade verdadeira... gostar de alguém... talvez casar... ter um filho!

— Fazlmo...

— Não diga isso! Esquece que às mulheres da minha condição tudo quanto é puro e bom lhes está vedado? Ser mãe é ser digna e eu...

Olhei o papel amarrotado, aquêlo pedacinho que podia representar uns milhares de escudos e no entanto nada valia. Reparei então que se tratava de uma simples «cautela», fracção infima dessa sorte enganadora e acrescentei:

— Mas já reparou que na melhor das hipóteses, êste papel só valeria dez contos? Uma casa, o esquecimento, bem estar, um filho... tudo isso por dez contos não seria demasiadamente barato?

A expressão que acolheu esta revelação era de espanto indescrevível.

— Como, dez contos?!

— Sim — expliquei — isto é apenas uma fracção... — E, voltando a «cautela»: — Vê aqui? No primeiro prémio, teria somente dez contos.

— É verdade... Nunca tinha pensado nisso... A gente nem se lembra... Todos lhe chamam a «sorte grande»... Talvez Deus nunca ma tivesse dado para me poupar a mais essa desilusão... E os seus lábios franziram-se numa revolta dolorosa.

— Fui eu então o Demónio que lhe derrubou a ilusão... Perdoe-me...

— Não... Não foi o senhor... foi a vida que, pouco a pouco, tudo me tem furtado.

E rompeu a chorar!...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844